

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras
Bacharelado em Letras – Tradução Português e Italiano

Patricia Lima da Silva

Tradução comentada do conto *Buono, Bambino* de Giovanni Maurandi:
Uma tradução minorizante

Porto Alegre
2023

Patricia Lima da Silva

Tradução comentada do conto *Buono, Bambino* de Giovanni Maurandi:

Uma tradução minorizante

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de bacharel em Letras -
Tradução Português e Italiano do Instituto de
Letras da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientador: Profa. Dra. Aline Fogaça dos
Santos Reis e Silva

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Lima, Patricia
Tradução comentada do conto Buono, Bambino de
Giovanni Maurandi: Uma tradução minorizante / Patricia
Lima. -- 2023.
70 f.
Orientador: Aline Fogaça.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Bacharelado em Letras: Tradutor Português e
Italiano, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Tradução minorizante. 2. Sistema de mecenato. 3.
Giovanni Maurandi. 4. Literatura Italiana. I. Fogaça,
Aline, orient. II. Título.

Patricia Lima da Silva

Tradução comentada do conto Buono, Bambino de Giovanni Maurandi

Uma tradução minorizante

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Letras - Tradução Português e Italiano do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Profa. Dra. Aline Fogaça dos Santos Reis e Silva

Aprovada em:Porto Alegre, 1º de setembro de 2023

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Aline Fogaça dos Santos Reis e Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Gisele de Oliveira Bosquesi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Aos alunos dos Programas de Ações Afirmativas que com competência e diversidade estão mudando o cenário da educação superior no país.

AGRADECIMENTOS

Antes de qualquer agradecimento, preciso dizer que ao concluir o meu primeiro curso de graduação, escrevi que o Programa Universidade para Todos me dera mais que uma oportunidade de cursar o ensino superior. Me dera a certeza da minha capacidade de realizar aquele que acreditava ser o meu maior sonho: o diploma. E me permitiu sonhar muito mais alto. Aprendi um novo idioma, me desenvolvi profissionalmente e superei uma crença que o sistema incute na cabeça de jovens do interior do Estado, de origem humilde: que a universidade federal não é para nós. Eu tinha tanta certeza disso que jamais havia tentado o vestibular na UFRGS.

Atualmente, além do Prouni, sou grata pelo Programa de Ações Afirmativas de acesso à educação que garante vagas para o ingresso na graduação para candidatos egressos do Sistema Público de Ensino Médio, pois foi por meio dele que ingressei na Universidade Pública Federal de qualidade e gratuita.

Vida longa às ações afirmativas no Brasil.

Agora já posso agradecer às pessoas que fazem parte dessa conquista:

A Giovanni Maurandi, médico, escritor, poeta e amigo. Sua sensibilidade ao descrever a beleza e a dor da vida me conquistou desde a primeira linha. Obrigada por ceder sua obra para a concretização do meu trabalho acadêmico. *Grazie per la tua vicinanza e generosità negli ultimi dodici anni.*

À minha cúmplice de TCC, leituras em voz alta, parceria e vinhos (sempre com o copinho d'água), Giacomelli, Beatriz. Sozinha eu não teria feito nem a metade. Que a nossa parceria dure tanto quanto a vida nos permitir.

À minha orientadora, Professora Doutora Aline Fogaça, cuja orientação e apoio me sustentaram ao longo do desenvolvimento desse trabalho, mais de uma vez adiado porque nem sempre confiei o bastante em mim mesma, mas ela nunca duvidou. Obrigada.

À minha professora, amiga e incentivadora, Patrícia Cavallo, que me encoraja a traduzir, corrige, apoia e confia no meu desenvolvimento profissional. Foi o teu incentivo que me permitiu traduzir fora da academia, *ti sarò per sempre grata.*

Às professoras do setor de italiano da UFRGS pela formação adquirida através das aulas, trabalhos e eventos realizados. *Grazie mille.* E aos professores do Instituto de Letras, foram anos de aprendizado que levarei para toda a vida.

Ao meu ex-aluno, tradutor e revisor profissional, Daniel Grassi, primeiro leitor do conto traduzido que generosamente revisou o texto e me deu importantes sugestões para as escolhas de tradução.

Aos meus queridos alunos que ao longo dos anos do curso, a cada novo semestre, se esforçaram para ajustar os horários das nossas aulas de acordo com as disciplinas que eu precisava cursar. A cada um de vocês, *grazie di cuore*.

Às minhas tias, Sandra e Claudete e meu marido André, primeiros leitores não profissionais da tradução e fã-clube privado. Me sinto importante e capaz com o vosso apoio. Amo vocês.

Meu muito obrigada, só posso ser eu a partir das nossas relações.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso explora a aplicação da tradução minorizante como meio de preservar a singularidade cultural e estilística de uma obra original, ao mesmo tempo que desafia as tendências hegemônicas da tradução. Para este fim, utiliza-se o conceito de sistema de mecenato de Lefevere para analisar o impacto das forças institucionais e financeiras no processo de tradução. O foco principal deste estudo é a tradução comentada do conto “Buono, bambino”, parte da obra *Auatekuntu – Adesso ti racconto* do autor italiano Giovanni Maurandi, publicada em 2014. O objetivo é ampliar o alcance da obra e de seu autor, superando as barreiras linguísticas e culturais que frequentemente limitam a disseminação de obras de escritores menos conhecidos. O documento analisa como a tradução pode servir como forma de resistência cultural e literária, desafiando as normas predominantes e expondo a influência do poder e do mecenato na prática da tradução. Este estudo baseia-se nos conceitos de “tradução minorizante” de Lawrence Venuti e no sistema de mecenato proposto por André Lefevere. A abordagem visa elevar o valor de autores que, apesar de sua relevância e qualidade artística, podem ser menos conhecidos fora de seu contexto cultural. O resultado é uma visão crítica e reflexiva sobre a tradução literária, demonstrando como as teorias de Venuti e Lefevere podem enriquecer a compreensão e avaliação da prática de tradução, especialmente quando se trata de textos literários que carregam uma rica bagagem cultural e estilística.

Palavras-chave: Tradução minorizante; Sistema de mecenato; Giovanni Maurandi; Literatura Italiana.

RIASSUNTO

Questa tesi di laurea approfondisce il concetto di traduzione minorizzante come mezzo per preservare l'unicità culturale e stilistica di un'opera originale, sfidando al contempo le tendenze egemoniche della traduzione. A tal fine, viene utilizzato il concetto di patronato di Lefevere per analizzare l'impatto delle forze istituzionali ed economiche sul processo di traduzione. Lo scopo principale di questo studio è la traduzione commentata del racconto "Buono, bambino", parte dell'opera *Auatekuntu – Adesso ti racconto* dell'autore italiano Giovanni Maurandi, pubblicata nel 2014. L'obiettivo è quello di ampliare la portata dell'opera e del suo autore, superando le barriere linguistiche e culturali che spesso limitano la diffusione di opere di scrittori meno noti. Il presente lavoro analizza come la traduzione possa servire come forma di resistenza culturale e letteraria, sfidando le norme prevalenti ed esponendo l'influenza del potere e del patronato sulla pratica della traduzione. Questo studio si basa sui concetti di "traduzione minorizzante" di Lawrence Venuti e sul sistema di patronato proposto da André Lefevere. L'approccio mira a dare visibilità ad autori che, nonostante la loro rilevanza e qualità artistica, sono talvolta meno conosciuti al di fuori del loro contesto culturale. Il risultato è una visione critica e riflessiva della traduzione letteraria, che dimostra come le teorie di Venuti e Lefevere possano arricchire la comprensione e la valutazione della pratica traduttiva, soprattutto quando si tratta di testi letterari con un ricco bagaglio culturale e stilistico.

Parole chiavi: Traduzione minoritaria; Patronato; Giovanni Maurandi; Letteratura Italiana.

SUMÁRIO

1	PONTO DE PARTIDA.....	9
2	O TEXTO DE CHEGADA.....	13
2.1	Tá tudo bem, meu filho	13
2.1.1	<i>Um</i>	13
2.1.2	<i>Dois</i>	15
2.1.3	<i>Três</i>	18
3	O ESCRITOR E A SUA OBRA	23
3.1	Quem é Giovanni Maurandi	23
3.2	A plataforma <i>IIMioLibro.it</i>	24
3.3	O cenário sardo de Maurandi	30
3.3.1	<i>U pàize de Silverio</i>	31
3.3.2	<i>Língua materna de Carloforte</i>	32
4	PERCURSO DE TRADUÇÃO: UMA ABORDAGEM MINORIZANTE....	34
4.1	Como cheguei ao título em português para o conto “Buono, Bambino” 38	
4.2	Escolha dos tempos verbais	39
4.3	O uso (ou o não uso) dos pronomes diretos e indiretos	43
4.4	Pronomes possessivos	48
4.5	Expressões e termos inusuais	49
4.5.1	<i>Rotto versus quebrado</i>	49
4.5.2	<i>Pipistrello versus Borboleta</i>	50
4.5.3	<i>Non mi vogliono versus ser enxotado</i>	53
5	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	54
	REFERÊNCIAS.....	57
	ANEXO A – BUONO, BAMBINO.....	59
	ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DE USO DA OBRA	68

1 PONTO DE PARTIDA

A tradução, como qualquer escrita, é geralmente praticada em condições solitárias. Mas ela liga multidões, frequentemente nos grupos mais inesperados.

Lawrence Venuti

A tradução literária é um campo intrincado e multifacetado, no qual as escolhas poéticas de um autor podem influenciar profundamente a interpretação e a comunicação de uma obra em diferentes contextos culturais. Este trabalho de conclusão de curso busca explorar a relação entre a escolha poética da região da Sardenha como cenário literário e as ideias de sistema de mecenato de André Lefevere (2007) e o conceito de resíduo e tradução minorizante de Lawrence Venuti (1998 [2019]).

No âmbito da tradução literária, o mecenato, como apontado por Lefevere, tem sido frequentemente mais preocupado com a ideologia subjacente a uma obra do que com suas características estilísticas. Ao mesmo tempo, o conceito de resíduo, introduzido por Venuti, enfoca a preservação de elementos culturais e linguísticos estrangeiros no processo de tradução para desafiar a assimilação cultural completa.

Nas páginas a seguir vos apresento a tradução do conto “Buono, bambino”, de Giovanni Maurandi, um escritor italiano anônimo. O conto faz parte do livro *Auatekuntu – adesso ti racconto*, publicado em 2014.

Embora já tenha publicado três livros, Maurandi não se considera um escritor profissional, pois não se sustenta com a sua obra e exerce a medicina como profissão. Apesar de suas reticências, considero sua obra digna de ser apreciada e traduzida. Meu principal objetivo com o presente trabalho é a tradução do primeiro conto que integra o segundo livro publicado por Maurandi. É pertinente sublinhar que desde o início do processo, tive acesso ao autor, e realizei, em companhia da minha amiga e colega do bacharelado, Beatriz Giacomelli, uma entrevista informal com o autor via plataforma *meet*. Na ocasião conversamos sobre sua relação com a escrita, sobre se considerar ou não um escritor e pudemos fazer perguntas específicas sobre as obras que traduzimos. Parte dessa conversa será apresentada nas próximas páginas.

O que eu gostaria de contar com essa tradução, é uma história do passado que se mistura com o futuro. Mas a beleza desta história é o presente: o único tempo que realmente existe e nos torna quem somos.

Ainda que este seja um trabalho acadêmico – e, de acordo com o senso comum sobre trabalhos acadêmicos deva almejar neutralidade, imparcialidade e sobretudo objetividade – a questão é que toda escolha implica em parcialidade. Podemos mascará-la, travesti-la, amenizá-la. Mas será sempre uma escolha. E como tal, impregnada de subjetividade. Dito isto, me sinto mais autorizada a expressar claramente o que gostaria com este trabalho de conclusão do meu segundo curso de graduação, envolvendo a minha língua materna e a minha língua do coração, o italiano.

Em 2012, durante as férias de verão do mestrado que fazia na Itália, conheci um médico oncologista. Ele era um amigo da família que me acolheu em Carloforte, no sudoeste da Sardenha, para trabalhar no período em que minha bolsa não cobria minha acomodação na universidade. Algumas semanas depois, soube que ele gostava de escrever; não se considerava um escritor, como ainda não se considera, mas já escrevia. Li seus textos e assim me tornei sua leitora. E exigente que sou, queria ler mais, então o encorajei a escrever um livro.

No ano seguinte, voltei a Carloforte e participei do lançamento de sua primeira obra. Enquanto isso, já tinha lido os textos do que viria a ser seu segundo livro. Ali tomei uma decisão, talvez um pouco inconsciente na época, no calor do momento: decidi que traduziria seus textos.

Voltando ao Brasil passei a ensinar italiano e toda vez que os alunos chegavam ao imperfeito e ao pretérito do indicativo, lia “Buono, Bambino” com eles. Além das questões gramaticais presentes no conto, a delicadeza e ao mesmo tempo a dor que permeia a história, desperta a curiosidade dos alunos e, ainda que não entendam tudo, todos concluem a leitura e são capazes de colher suas nuances. Eu gostaria também que meus familiares e amigos pudessem ler a história, conhecer o personagem Silverio e compreender por que eu comento tanto sobre ele.

É por esse motivo que passei os últimos anos me preparando para este momento e o tema deste trabalho é a tradução comentada e, espero, enriquecida pelas trocas entre a tradutora e o escritor do conto “Buono, Bambino”, o primeiro texto de Giovanni Maurandi traduzido, por mim, para o português. Atualmente já temos o

segundo texto: Giacomelli traduziu “Gaspere Puddu” e elaborou seu trabalho de conclusão de curso a respeito.

A história narrada também simboliza a evolução do meu italiano. Sempre soube que se trata de um conto que não se prende à norma culta, contado em primeira pessoa, pois o texto reflete o modo de falar do narrador de forma coloquial. Nem sempre, porém, percebi tais imprecisões gramaticais, relia-o enquanto continuava a estudar italiano. Aos poucos fui percebendo as imprecisões, as coloquialidades, as escolhas entre um tempo verbal mais gramatical por um mais coloquial.

A cada nova leitura, um novo aspecto do texto me é revelado e posso perceber suas imprecisões, incorreções gramaticais, enquanto a complexidade do protagonista vai se desvelando. Capturar essas imprecisões gramaticais também me permite acompanhar a evolução do meu italiano: meus conhecimentos que amadurecem com o tempo. Certas nuances só percebi durante o processo tradutório ou mesmo durante a reflexão das minhas escolhas de tradução.

Gostaria que a tradução preservasse ao máximo as características estilísticas e narrativas do autor. Não pretendo fazer adaptações culturais, prefiro que o leitor perceba que o texto não foi originalmente escrito em português. Espero que Silverio, através da “última flor do lazio”, provoque no leitor brasileiro as mesmas estranhezas que provocou nos leitores italianos, com seu modo próprio de falar. E desejo que assim o leitor brasileiro tenha acesso à cultura que tanto me encantou.

Desde o início da minha jornada no estudo da língua italiana, há 18 anos, fui envolvida pela magia e riqueza dessa cultura. Ao longo desse período, mergulhei em suas nuances linguísticas e desvendei as particularidades de sua expressão literária. Agora, com a conclusão do bacharelado em tradução italiano-português, apresento esta tradução minorizante, a qual representa um marco significativo em minha trajetória.

Este trabalho é resultado de uma escolha cuidadosa e totalmente pessoal: a tradução de um autor que acompanho há 12 anos. Durante todo esse tempo, tive a oportunidade de explorar sua obra, desvendar suas motivações e me conectar com sua visão de mundo. Optei por mergulhar na tarefa de traduzir suas palavras, não apenas como um exercício acadêmico, mas como uma homenagem à sua escrita e como um esforço para promover a disseminação da literatura italiana em língua portuguesa.

Por se tratar de um autor desconhecido, nesta empreitada, busquei abraçar o conceito de “tradução minorizante” a partir da leitura de Lawrence Venuti, evocado por elevar os valores de autores que, apesar de sua relevância e qualidade artística, podem ser menos conhecidos fora de seu contexto cultural. Com esta tradução, espero contribuir para a ampliação do alcance do autor Giovanni Maurandi, desafiando barreiras linguísticas e culturais que frequentemente atuam como limitadores da disseminação de suas obras. Além de Venuti, também me apoio em André Lefevere para discutir as questões de mecenato e literatura fora do cânone literário.

Ao longo das próximas páginas apresento as etapas que compõem esse trabalho de conclusão: no primeiro capítulo, intitulado “O texto de partida e o texto de chegada”, a tradução que realizei e, para que o leitor possa apreciar, quando possível, o texto original está disponível na íntegra no anexo A.

No segundo capítulo apresento “O autor e a sua obra”, no qual discorro sobre sua relevância literária e explico a abordagem adotada na tradução, destacando as nuances linguísticas e culturais que foram cuidadosamente preservadas para transmitir a essência de sua escrita. Apresento também a plataforma *IIMioLibro.it*, alternativa ao sistema de mecenato para a publicação de autores de forma independente de grandes editoras tradicionais. Pela importância da Sardegnna na obra de Maurandi, apresento também o cenário sardo e a língua falada em Carloforte.

No terceiro capítulo, intitulado “Percurso de tradução”, discorro sobre as teorias bases deste trabalho apoiadas em Venuti e Lefevere e as discussões do percurso de tradução dividido em seções de acordo com o tipo de problemática de tradução abordada, desde questões verbais até expressões e termos não gramaticais.

Por fim, apresento as últimas considerações depois de concluído esse percurso acadêmico tão fundamental para a minha formação como tradutora.

É com entusiasmo e dedicação que embarco nesta jornada de tradução minorizante, esperando que este trabalho possa não apenas enriquecer meus conhecimentos acadêmicos, mas também proporcionar aos leitores de língua portuguesa um vislumbre do universo literário e artístico que me encanta há tantos anos.

2 O TEXTO DE CHEGADA

Il traduttore è un vanitoso, perché vuole che gli altri capiscano ciò che ha capito lui.

Giovanni Maurandi

A seguir apresento na íntegra a tradução que realizei do conto de Maurandi, “Buono, bambino”, cujo título em português é “Tá tudo bem, meu filho”.

Para que possa ser apreciado em italiano, o conto na íntegra encontra-se na seção de anexos (anexo A). A sequência *Uno, Due e Tre* foi como Maurandi publicou no livro *Auatekuntu – Adesso ti racconto*.

Confio que a estrutura do trabalho fará mais sentido a partir da leitura do conto traduzido seguido das questões que abordo a partir da tradução.

2.1 Tá tudo bem, meu filho

2.1.1 Um

O cheiro que eu mais gosto é o do pão torrado... com café com leite. Coloco três colherinhas de açúcar e mexo, depois despedaço o pão e mergulho no café com leite. Eu gosto de leite, mas quando eu era pequeno, a mãe não me dava porque fazia mal pra minha barriga. Também gosto de bife à milanesa e de macarrão com molho e bastante queijo. Quando é espaguete, coloco na boca um por um, puxo e mando o espaguete pra dentro e dou risada. A mãe diz que não devo fazer isso, que sou grande pra essas brincadeiras na mesa.

A mãe me diz sempre tantas coisas, mesmo agora que já sou crescido e muito mais alto que ela.

O problema é que tenho uma coisa quebrada na minha cabeça, uma coisa que não dá pra consertar; é por isso que ela tem que me ajudar em tantas coisas e é por isso que eu tomo remédio.

Eu era muito pequeno, mas me lembro do médico, ele tinha feito muitas perguntas estranhas que eu não sabia responder. Também porque ele me olhava fixo e, mesmo sorrindo pra mim, se via que ele me olhava fixo pra ver se alguma coisa não

funcionava na minha cabeça. Eu me sentia como alguém pra quem se faz perguntas e a pessoa não sabe e todo mundo ri.

Então ele me fez ver uns desenhos e me perguntava “O que é isso?” E eu “borboleta”, ou melhor, “barboleta” porque eu ainda não sabia dizer direito; depois outro “e isto?” e eu “barboleta” e depois “barboleta” e “barboleta” e todas aquelas barboletas me deixaram nervoso e atirei tudo pra cima e ele ficou chateado. Minha mãe pegou minhas mãos, segurou com força e disse: “tá tudo bem, meu filho, tudo bem. Não foi nada” e eu me acalmei.

Aí o médico disse pra minha mãe que eu tinha um déficit mental. Pra mim “déficit” parecia uma palavra bonita com um t no final, uma daquelas palavras difíceis que são importantes, mas a mãe fez uma cara triste e na hora eu entendi que não era uma palavra bonita.

Quando fui no médico, meu pai já tinha ido embora.

Me lembro pouco do meu pai. Ele era alto e grande, como eu sou agora. Ele tinha cabelo preto e uma pinta na bochecha. Construía casas. Tinha mãos grandes com a pele rachada e dura. Nunca sorria pra mim e nunca me fez um carinho. As mãos dele me assustavam porque quando chegavam até o meu rosto, machucava.

Muitas noites ele chegava em casa estranho e dizia que eu não era filho dele e que minha mãe tinha me feito com alguém na rua. Ela dizia, “tu andou bebendo” e ele dizia, “mas que porra tu tem que ver com isso sua vadia que me deu um filho retardado!”. Eu me escondia e ele batia nela e ela chorava. Aí ele saía e eu me aproximava da mãe, que tremia toda, e ela dizia “tá tudo bem, meu filho, tudo bem. Não foi nada”.

Daí uma noite ele saiu e não voltou mais. Fiquei bem feliz naquela noite que ele não voltou mais.

Quem me deu os remédios foi uma médica loira de rosto bondoso. Ela disse que eu tinha que tomar pra não ficar nervoso... Porque uns dias antes eu tinha feito algo que não se faz.

Minha mãe tinha limpado a casa de uma senhora. A mãe limpa casas; é o trabalho dela. Ela limpa bem e todos ficam felizes quando ela limpa. Eu tenho muito orgulho da minha mãe.

Então, ela me leva até essa senhora que tava devendo pelo trabalho e a senhora diz que tava mal feito, que a casa tava suja, que não ia pagar. A mãe disse que não era verdade, que ela tinha feito tudo bem feito. E ela empurra a minha mãe e começa a gritar que ela era uma desgraçada, uma vagabunda, que ela tinha que ir embora, ela e o filho retardado dela.

Eu comecei a tremer, porque gritos me fazem tremer, e aí eu gritei também e corri pra cima dela e joguei ela no chão; e chutei ela... Daí depois eu não me lembro.

Com os remédios já não tremo mais tanto.

Mas se gritam, sim.

2.1.2 Dois

Na escola eu tinha uma profe só pra mim. Ela sentava na classe e me ajudava a fazer toda a lição de casa. As outras crianças tinham só a profe Luisa. Eu gostava muito da minha profe; o nome dela era Maria Pina. Mas eu gostava mais da Margherita.

Margherita sentava na classe da frente e às vezes se virava e sorria pra mim. Uma vez ela me deu uma figurinha do “Frajola” que, se tu mexia, o Frajola também se mexia. Margherita tinha cachos e um laço azul no cabelo. Às vezes, depois da aula, ela voltava pra casa comigo e com minha mãe (a mãe sempre ia me buscar) e conversava sem parar com ela, como uma senhora grande; aí, quando ela tinha que dobrar pra ir pra casa, sempre me cumprimentava “até logo, Silverio”. Eu abaixava a cabeça e não respondia e a mãe “não diz adeus?” e ela “não faz mal.”

Daí, com o passar dos meses, comecei a conversar com a Margherita e muitas vezes ela ria, mas era uma risada boa.

Ela era uma das pessoas que eu gostava.

Agora vou fazer uma lista das pessoas que eu gostava quando era criança.

Minha mãe primeiro; quase empatado, Margherita e, depois, a profe Maria Pina. Depois, eu gostava do seu Tonio do supermercado e principalmente da Dona Maria que, quando eu ia fazer compras com a mãe, sempre me dava um chocolatinho com avelã que eu gostava muito, enrolado em papel alumínio. Agora que eu cresci ela não me dá mais, mas sempre sorri e me cumprimenta e o seu Tonio também. Depois eu gostava do Alessio, porque ele era forte e sabia fazer muitas coisas e todo mundo

sempre chamava ele pra jogar; mas quando eu cresci, gostei menos do Alessio, porque de vez em quando ele debochava e ria de mim, mas não era uma risada boa.

Depois do primeiro grau, os professores disseram pra minha mãe que eu não podia continuar estudando; que era melhor eu fazer algum curso para aprender um ofício. Mas eu não podia sair da minha ilha sozinho pra fazer o curso, porque aqui não tinha. Daí eu não ia mais pra escola e a mãe me levava com ela quando ia trabalhar. No começo eu não fazia direito, mas depois aprendi, bem aos poucos.

O melhor dia foi quando a mãe me deu as chaves de casa. Ela colocou as chaves na minha mão grande e disse: “Não perca”.

Eu me senti importante, porque agora eu podia ir e vir como os outros guris. Entrei e saí de casa dez vezes seguidas: chegava até a rua, fechava o portão, abria de novo com a chave e entrava em casa. A mãe ria.

Uma noite eu disse “mãe, vou sair” como os grandes fazem.

“A janta é às nove”, ela disse; “não te atrasa.”

Eu saio e vou pra praça. Tô usando a minha japona nova e vou em direção da estátua no Calçadão.

“Que bela japona”, Alessio me diz quando me vê. Ele tá perto da estátua conversando com outros caras; conheço todos eles. Eu faço como sempre, fico parado ouvindo os outros falarem; eu não tenho muito pra dizer.

Falam de futebol, depois de mulheres, depois de novos celulares; até de carros. Estão todos no Instituto Técnico Náutico; falam da escola e do exame final também. Digo que queria continuar a estudar. Alessio ri e diz “sorte a tua que não estuda. Tu tem mais tempo para as gurias”. Os outros estão rindo e acho que estão me tirando, mas eu nem ligo.

Eu não me interesso pelas gurias; eu sei que não sou interessante pra elas. Uma vez peguei a bula dos remédios que tomo pros nervos e li “causa redução da libido”; daí eu fui, escondido da mãe, porque tinha entendido que era uma coisa indecente, olhar no dicionário e descobri o que significava. Daí eu entendi por que não me interesso muito pelas gurias.

Enquanto eles riem, Margherita passa com um cara novo; ela sempre muda de cara.

“Oi, Silverio”, ela diz. “Oi”, respondo, e baixo os olhos, porque não me interesso pelas gurias, mas ainda gosto muito da Margherita.

“Ohh, olha o Silverio ficando vermelho”, Alessio diz em voz alta.

“Então tu gosta da Margherita”, diz Tonino, me dando um tapinha nas costas. Eu não digo nada.

Margherita não tem mais os cachos nem o laço azul; agora ela tem cabelo liso e curto, o cigarro sempre aceso e os olhos bem pintados; mas quando ela olha, olha como quando era criança e ela também sorri sempre assim.

“Todo mundo gosta da Margherita”, diz Alessio com cara de quem sabe de muita coisa; “Esquece Silvério, não é pra ti.”

“Margherita é minha amiga”, respondo.

“Margherita dá para todo mundo, bobão. É uma ‘vagabunda’”, ele diz.

Eu sei o que quer dizer “vagabunda”. Eu aprendi essa palavra.

“Retira o que tu disse”, eu digo em voz baixa.

Alessio me olha e fica claro que ele não esperava. “Retirar o quê?”

“Aquela palavra.”

“Para com isso.” Ele se vira e eu coloco a mão no ombro dele. Faço ele se virar.

“Retira” repito. Eu não tô tremendo; tô com raiva, mas não tô tremendo. Não vou tremer se ele não gritar. Mas ele grita.

“Tira a mão de mim, seu imbecil. Margherita deu pra metade da cidade; como tu chama uma assim?”

Eu empurro ele e os amigos dele que seguram, senão ele vai pro chão. Daí eu me aproximo e vejo que ele tá com medo, porque os olhos dele se arregalam, que nem os daquela senhora quando eu era pequeno. Eu tô tremendo agora, muito mesmo. Tô chegando naquele ponto que depois não me lembro. Então, atrás de mim, escuto “Silverio. Tá tudo bem.”

Margherita se aproxima e me pega pela mão.

“Que porra tu tá fazendo?”, diz o cara que tá com ela.

“Vai te fudê”, ela responde. Ela segura minha mão e diz: “Agora vamos dar uma volta. Vamos?”.

Digo “sim” e deixo que ela me leve embora.

Fomos até o final do Calçadão. Nos sentamos nos degraus.

“Está melhor agora?”

“Sim”, respondo.

Ela acende um cigarro e assopra a fumaça pra longe. “Por que tu tava com tanta raiva?”

“Alessio disse uma coisa feia; muito feia.”

“Ele tirou sarro de ti?”

“Não. Ele disse uma coisa feia sobre ti”, digo olhando pro chão.

Ela fica séria. “O que foi que ele disse?”, pergunta.

“Que tu é uma vagabunda.”

Vejo que ela sorri e não entendo.

“Por que tu tá sorrindo?”

“Oh, Silverio...”

Ela pega minhas mãos. Ela tem as mãos pequenas comparadas às minhas, mas consegue segurar tão bem minhas mãos que parece que as mãos dela me pegam inteiro nos braços, como faziam as da minha mãe quando eu era pequeno.

“O Alessio tem razão. Eu sou.”

“Não é verdade. Vagabunda é uma coisa feia.”

“Eu sei.”

“Tu não é uma coisa feia.”

“Às vezes sim. Todos somos meio bonitos e meio feios.”

“Tu é minha amiga”, eu digo.

“Tu é meu amigo”, ela diz, “e o meu defensor.”

Naquela noite, no meu quarto, peguei um pedaço de papel e um lápis e desenhei Margherita. Fiz o rosto, o nariz e dois círculos pros olhos; e aí todo o cabelo ao redor. Quando terminei olhei o desenho e não se parecia com ela. Mas se eu fechasse os olhos eu via ela.

2.1.3 Três

Hoje eu fiz dezoito anos e foi um dia especial. A mãe me deixou dormir até tarde, e deixou o café da manhã pronto e um pacote ao lado da xícara; eu abri e dentro tinha um relógio todo colorido. Eu coloquei na hora. Aí eu comi e tomei os remédios; depois lavei tudo, sem quebrar nada. Daí tomei banho e me lavei bem, até as orelhas.

Até passei perfume, mas exagerei um pouco no perfume, porque dava pra sentir pela casa toda.

Daí eu saí e fui até a loja onde a Margherita trabalha pra mostrar o relógio pra ela. Ela me desejou feliz aniversário e me deu dois beijos nas bochechas.

Quando eu saí, ouvi a dona da loja implicando com ela porque não queria que eu fosse lá; mas não fiquei com raiva; tô acostumado a ser enxotado de alguns lugares. Mas decidi não pôr mais os pés lá porque, senão, vão implicar com a Margherita.

Minha mãe chegou cedo do trabalho e preparou um almoço tão bom pra mim. Ela preparou: macarrão com molho de carne, bife à milanesa e batata frita, morango e bolo de chocolate. Enquanto ela lavava a louça, eu abracei ela por trás. Pensei que quando eu era pequeno, quando abraçava ela por trás, chegava só até a cintura; agora eu cobria os ombros dela e tinha que me curvar pra apoiar meu queixo no cabelo dela. Eu pensei também que a vida é muito boa... Mesmo tendo uma coisa que não funciona na minha cabeça.

Eu fui depois pro Instituto Técnico Náutico, mas não pra estudar; pra limpar o ginásio. Eles têm uma grande academia em um ginásio. Tem quadra de basquete, arquibancada, banheiros, como nas academias que a gente vê nas séries de TV americanas.

Eles estão treinando agora e eu tô limpando as arquibancadas com o aspirador de pó; tem o barulho do aspirador e o barulho da bola batendo. Faz “bam” e depois entra na rede da cesta e depois “bum bum” pelo chão. Eu ficava louco pra jogar basquete também!

Alessio também joga. Daí ele vem e diz que sente muito por ontem de noite. Eu me desculpo por ter empurrado ele. Ele me dá a mão e eu aperto. É bom ser amigo.

Quando terminam, vão tomar banho. Eu também terminei as arquibancadas e passei um pano na quadra; tô todo suado.

“Vem tomar banho com a gente”, me diz Tonino, aquele que disse “então tu gosta da Margherita”.

No chuveiro todo mundo tá rindo e Alessio tira sarro de mim e diz “Oh oh oh olha o Silvério, que bundinha redonda que ele tem...”.

Eu dou risada e me viro.

“Ei”, diz outro, “mas onde tu esconde esse coiso?”

Eu não entendo e ele me aponta o tico. Eu me cubro com as mãos.

Alessio fica sério e chega perto enquanto eu me seco. “Tu tem uma bengala, não um pau”, ele me diz.

Não sei, nunca prestei atenção nisso, mas olhando o dos outros percebo que é bem grande. Mas não me parece toda essa novidade. Eu faço xixi com o tico, como todo mundo... eu acho.

Alessio se senta do meu lado e me explica. “Se tu mostrar esse pau para uma gurria, ela vai dar gritinhos e ficar contigo.” Ele me olha sério e ninguém ao redor ri. Eles não estão me tirando, eu acho, senão estariam rindo.

Eu digo que tenho vergonha, mas ele diz que não tenho que ter vergonha, que todos os caras fazem isso com as guriinhas.

Penso muito nisso enquanto vou pra casa. Eu realmente não sabia disso; ainda bem que o Alessio me disse.

Eu penso muito sobre isso, até vários dias depois.

Minha mãe tem que ir pra casa da minha tia hoje à noite. Ela tá doente e mora sozinha. Me enche de recomendações. “Eu fiz a janta pra ti. Depois de comer, deixa tudo na pia que eu lavo amanhã de manhã. Lembra de tomar teus remédios.”

“A que horas vai?”, pergunto.

“Agora. Se quiser dar uma volta, pode ir, mas mesmo que eu não esteja aqui, a janta é às nove; não fique na rua até tarde.”

“Olha que eu já sou grande” digo pra ela.

Ela sorri pra mim e faz carinho no meu cabelo. Depois sai.

Olho pro meu relógio colorido e são quase oito horas. Eu passo pela loja. Faço isso quase todas as noites pra dar oi pra Margherita quando ela sai do trabalho; eu fico um pouco longe, do lado de fora e, quando ela sai, eu cumprimento e ela diz “Oi”. Nessa noite ela também diz.

Mas hoje à noite eu me aproximo dela e digo: “Tenho que te mostrar uma coisa”.

“O quê?”, ela me pergunta; tá sorrindo.

“Uma coisa importante.”

“E onde tu tem essa coisa?”

“Tu tem que ir lá em casa”.

Olha pro relógio dela. “Tá bom”, ela diz, “mas não posso ficar muito”.

“Só o tempo de te mostrar”, eu digo.

“Estou curiosa.”

“Com licença?” Margherita diz entrando. Daí se vira pra mim. “Tua mãe não está?”

“Não, ela foi ver a tia que tá doente.” Eu acendo a luz. “Senta”, eu digo apontando pro sofá. Ela senta, mas tá um pouco indecisa, eu vejo que morde a boca.

“Já volto”, digo e vou pro meu quarto. Penso que tô um pouco envergonhado, mas Alessio me explicou bem. Abro o zíper e volto pra sala.

“É isso”, digo.

Margherita olha para mim e se levanta. Tô na frente da porta de entrada e ela vai pra trás, na direção da cozinha; a boca tá aberta e os olhos arregalados. Agora ela vai começar a dar gritinhos, eu penso; em vez disso, ela diz: “Guarda essa coisa”.

Eu olho para ela espantado; não era pra ser assim. Eu me aproximo; meu negócio fica de fora. Ela levanta a voz “Guarda essa coisa!”.

Alessio tava tirando sarro de mim. Tonino tava tirando sarro de mim.

Me enganaram. Começo a tremer, mas pouco.

“Espera, Margherita”, digo. Mas ela grita, agora. “Não grita”, digo e me aproximo, mas ela grita mais e diz “Vai embora, porco nojento”. Ela não pode gritar, porque se ela gritar depois eu não me lembro. Não pode gritar.

Aí eu vou pra cima e coloco a mão na boca dela, porque ela tem que parar e eu já tô tremendo muito agora. Ela morde minha mão e eu aperto a boca dela, aperto porque ela não pode gritar. Se ela não gritar, eu explico que o Alessio tirou sarro de mim, se ela não gritar a gente vai rir, mas agora tenho que segurar pra ela parar...

Depois eu não me lembro.

Estou sentado no sofá.

Margherita está estendida do meu lado. Eu apoiei a cabeça dela nos meus joelhos.

Eu guardei a coisa, mas igual ela não fala comigo. As cadeiras tão viradas e tem caco de vidro na cozinha. Tem sangue, mas é meu. Minha mão arde e tá toda vermelha, mas Margherita não tem nenhum arranhão. Mesmo assim não fala comigo. A boca e os olhos estão meio abertos, mas são olhos que não me veem. Eu chamei ela por um longo tempo e ela não me responde.

Penso que preciso de ajuda, mas não posso ir procurar por alguém; não posso deixar ela sozinha.

Daí ouço uma sirene e depois passos na escada. Toca a campainha. Apoio a cabeça da Margherita no sofá e abro. É a polícia. Um deles entra e vai até a Margherita; o outro fica parado na porta, tá pálido.

“Vocês me ajudam?” Eu digo e me dou conta que tô chorando. “Ela quebrou. E eu não sei como consertar.”

3 O ESCRITOR E A SUA OBRA

Dicono che a 50 anni si diventa adulti-adulti o distinti signori. Non so se è vero, ma quando lavoro a lungo in sala operatoria, comincia a farmi male la schiena... ma poco. Amo fare il medico e amo raccontare scrivendo. Ho alle spalle qualche maceria e cerco di non provocarne altre, davanti a me.

Giovanni Maurandi

A seguir, apresento Maurandi, sua terra natal, sua obra e, sendo um autor anônimo, como publicou seus livros e despertou a minha curiosidade.

3.1 Quem é Giovanni Maurandi

Giovanni Maurandi nasceu em 1959 em Carloforte, único centro habitado da ilha de San Pietro, no sudoeste da Sardenha. Cirurgião oncologista, exerce a sua profissão em Cagliari. Sempre gostou de escrever, apenas por prazer. Em 2012, uma amiga leu alguns capítulos que estavam abandonados e o incentivou a concluir o livro para participar de um concurso de novos escritores, o *Premio letterario ilmioesordio: gli scrittori di talento nascono sul web*¹ [Prêmio literário a minha estreia: escritores talentosos nascem na web] da plataforma de publicação *IlMioLibro.it*. Maurandi deixou-se convencer e concluiu a história, publicando o seu primeiro romance: *La partita* (2013).

No ano seguinte, publicou o livro que contém o objeto dessa tradução: *Auatekuntu – adesso ti racconto* (2014), um livro com quatro contos dos quais o primeiro é “Buono, bambino”, na tradução que realizei rebatizado como “Tá tudo bem, meu filho”. E o mais recente, outro romance, intitulado *La casa dei gatti alle finestre* (2016), disponível também em formato *ebook*. A plataforma *Ilmiolibro* classifica as três obras como Narrativa / Literatura – Narrativa moderna e contemporânea (após 1945).

A seguir gostaria de apresentar a plataforma e demonstrar que se trata de um meio para contornar o sistema de mecenato que dificulta para autores desconhecidos de publicarem a sua obra. Em seguida retomo a contextualização das obras de Maurandi.

¹ GRUPPO GEDI. ILMIOLIBRO. Torino: GEDI Digital S.r.l., 2023. Disponível em: <https://ilmiolibro.kataweb.it/premio-letterario-ilmioesordio/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

3.2 A plataforma *IIMioLibro.it*

O Site *IIMioLibro.it* é uma plataforma de publicação e impressão sob demanda para autores e permite que autores enviem seus manuscritos para publicação e impressão. Os livros são produzidos individualmente somente quando uma cópia é solicitada, o que elimina a necessidade de grandes tiragens, tornando a publicação mais acessível para autores independentes e reduzindo o desperdício.

Os autores podem criar uma conta no site, enviar seu manuscrito e fazer o design da capa e do conteúdo do livro. A plataforma oferece ferramentas para ajudar no processo de edição e formatação. Após a conclusão, o livro pode ser disponibilizado para compra no próprio site, e os leitores podem solicitar cópias impressas ou *e-books*.

Além disso, oferece serviços adicionais, como marketing e distribuição na Amazon e Feltrinelli e a avaliação de seu trabalho por um editor para ajudar os autores a promover seus livros e alcançar um público mais amplo.

Maurandi acessou a plataforma para participar do Prêmio literário a minha estreia: escritores talentosos nascem na web, um concurso literário nacional com inscrição gratuita que premia as melhores obras de ficção, poesia, ensaios e histórias em quadrinhos. Até 2018, foram realizadas oito edições do concurso, mais de 20.000 obras avaliadas junto aos parceiros da plataforma. Não há informações no site sobre edições posteriores a 2018.

Maurandi se inscreveu na edição de 2013; infelizmente o site não oferece informações sobre os participantes de edições anteriores, à exceção dos vencedores. Porém oferece aos autores feedback detalhado de cada uma das obras, com dados sobre vendas e interações na plataforma, como detalhado na tabela abaixo:

Tabela 1 – Feedback da plataforma *IIMioLibro.it* de cada um dos livros publicados

	La partita	Auatekuntu	La casa dei gatti alle finestre
Nº, edição e data de publicação	21/7/2013	1/6/2014	26/9/2016
Visitas	3220	2764	6323
Interações	5	2 (sendo 1 resenha)	18 (sendo 2 resenhas)
Posição na classificação geral em 2013	4808	3095	2590
Posição na classificação geral atual	7992	5552	2425
Comentários de outros usuários	10	6	12
Vendas leitores <i>IIMioLibro.it</i>	7	11	20 + 6 (ebook)
Vendas outras livrarias (lafeltrinelli)	11	29	2
Cópias adquiridas pelo autor	201	121	151
Total de cópias impressas/vendidas	219	161	179
Total de vendas do autor			559

(Fonte: painel do autor da plataforma *IIMioLibro.it*²)

Na ocasião da publicação de cada uma das três obras, Maurandi promoveu eventos de lançamento em Carloforte para compartilhar as histórias com seus conterrâneos. De acordo com o próprio autor, o primeiro evento alcançou um público menor se comparado aos dois eventos seguintes que tiveram, de forma crescente, sempre mais público. Quando lhe perguntei se sabia os números relacionados aos eventos, a resposta foi um tanto imprecisa, mas sincera (Maurandi, 2023):

Ricordo che per la Partita c'era meno gente rispetto agli altri: a occhio... 40 la partita; 60/70 Auatekuntu (le sedie erano 50 e c'era molta gente in piedi), 80-90 per i gatti. Libri venduti forse una trentina al primo, più o meno 40 al secondo, 50 al terzo... non finivo più di fare dediche... Ma sono numeri imprecisi³.

Ainda que Maurandi não tenha certeza das informações, é possível perceber um aumento do público a cada evento de lançamento. A título de curiosidade, registro que tive o prazer de estar presente no evento de lançamento do primeiro livro e de

² Informações retiradas do painel do autor dentro da plataforma *IIMioLibro.it*. O acesso é realizado através de login, as informações me foram passadas pelo autor.

³ “Lembro-me de que tinha menos gente para *La Partita* do que para os outros: contando por cima 40 *la partita*; 60/70 *Auatekuntu* (eram 50 cadeiras e tinha muita gente em pé), 80-90 para *i gatti*. Os livros foram vendidos talvez em torno de 30 no primeiro, mais ou menos 40 no segundo, 50 no terceiro... Não parava mais de assinar dedicatórias... Mas são números imprecisos” (tradução minha)

participar, através de videochamada, do evento de lançamento do último, e lembro-me de me surpreender com a diferença numérica do público presente em relação ao primeiro evento.

Talvez, se Maurandi se dedicasse de modo profissional à escrita, e a todo o trabalho de divulgação que envolve o lançamento de livros, esses números poderiam ser mais expressivos e alguma editora se interessaria por sua obra, mas o fato é que Maurandi é médico e a escrita para ele é uma forma de se expressar, não uma profissão.

Se sabe que não basta ter talento e escrever bem para conseguir ser visto por editoras e entrar para o mundo editorial. No livro *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*, o teórico da tradução e estudioso belga André Lefevere (1945-1966) – figura influente nos estudos de tradução e da literatura, sua abordagem teórica revolucionou a compreensão da tradução como uma prática cultural e política – discute o mecenato como um sistema dentro do sistema literário. De acordo com o autor, o sistema de mecenato refere-se ao papel dos mecenas na produção, promoção e circulação de obras literárias. Esses mecenas podem influenciar o que é traduzido, publicado e amplamente divulgado, favorecendo certos autores ou obras em detrimento de outros, de acordo com seus interesses políticos, ideológicos ou econômicos.

Em suma, Lefevere argumenta que o sistema de mecenato é um fator de controle importante que molda o campo literário e pode ter implicações significativas na prática da tradução, afetando quais vozes e perspectivas culturais são promovidas e quais são marginalizadas. Mas, de acordo com Lefevere (2007, p. 37):

Isso não quer dizer que não haverá nenhuma “outra” literatura produzida dentro daquele sistema social, mas que ela será chamada de “dissidente”, ou algo semelhante, e uma vez escrita ela terá grande dificuldade para ser publicada por canais oficiais, ou será relegada ao *status* de literatura “baixa” ou “popular”.

Sendo assim, uma plataforma como *IMioLibro.it* pode ser uma porta de entrada para autores da literatura menor. Gostaria de chamar a atenção para um detalhe mostrado na tabela 1, referente às compras de cópias dos livros de Maurandi pela *bookstore* Feltrinelli que, embora não publique escritores anônimos, adquiriu cópias para vender em suas lojas; demonstrando que não investem na publicação de

autores menores, mas que estão cientes de que vendê-los sem os custos de produção pode ser um bom negócio.

Além do mais, utilizar sites de publicação e impressão sob demanda oferece várias vantagens para os autores, especialmente para aqueles que desejam ter controle sobre o processo de publicação e alcançar seu público de maneira mais acessível. Algumas das vantagens desse modelo de publicação são:

- **acessibilidade:** permite que autores independentes ou novos escritores publiquem seus livros sem a necessidade de passar pelo processo tradicional de encontrar uma editora ou agente literário, o que torna a publicação muito mais acessível e democrática;
- **controle total:** os autores mantêm o controle sobre o conteúdo, design e estilo dos livros, podem escolher o layout, a capa e o formato, garantindo que a obra final reflita sua visão e criatividade;
- **baixo custo:** a publicação sob demanda elimina a necessidade de grandes tiragens, pois os livros são impressos individualmente apenas quando solicitados, reduzindo significativamente os custos de produção e estoque;
- **sem desperdício:** como as impressões são somente sob encomenda, não há desperdício de cópias não vendidas ou desatualizadas;
- **flexibilidade:** os autores podem atualizar e revisar facilmente, permitindo que as obras estejam sempre alinhadas com suas preferências e necessidades do mercado;
- **menos riscos:** os autores enfrentam menos riscos financeiros ao utilizar a publicação sob demanda;
- **independência:** permite que os autores mantenham sua independência criativa e editorial, não precisando ceder a exigências ou interferências de editores tradicionais;
- **rapidez:** o processo de publicação sob demanda é geralmente mais rápido do que o processo tradicional, disponibilizando as obras para compra em um curto espaço de tempo após a conclusão do processo de edição e formatação;

- oportunidades de experimentação: oferece aos autores a oportunidade de experimentar diferentes gêneros, estilos e tópicos, sem a pressão de se encaixar em tendências ou expectativas de mercado.

É importante notar que, apesar das muitas vantagens, os sites de publicação sob demanda também têm algumas limitações, como a menor visibilidade em livrarias físicas e a necessidade de um esforço adicional de marketing por parte dos autores. No entanto, essas plataformas oferecem uma alternativa valiosa e viável para autores que desejam ver suas obras publicadas e acessíveis a um público mais amplo.

Tive a oportunidade de questionar Maurandi sobre as vantagens de se publicar fora do circuito editorial tradicional e ele sublinhou a questão da liberdade para o autor (Maurandi, 2023):

Ti senti libero di fare quello che vuoi. Questo sì! Perché poi te lo costruisci tutto tu il libro. Ti costruisci la copertina, addirittura, l'impaginazione, carattere, quello che vuoi, fai tutto da solo. Non hai un lavoro di editor, di qualcuno che ti possa consigliare "qui hai scritto una scemenza, qui forse è meglio fare..." No? Quello che hanno gli scrittori famosi che hanno il loro collaboratori o addirittura quelli che collaborano a scrivere un libro con uno che scrive poi il nome è il loro. Però c'è una grande libertà. Non hai un mercato grandioso, ovviamente non puoi vendere tanto.

È stata casuale, io mi ricordo quando io ho finito, se ti ricordi Patricia, la partita? Poi tu mi avevi detto, "C'è un concorso, lo pubblichiamo, così partecipi al concorso del sito" che poi del sito della Repubblica, e cioè è abbastanza importante e quindi avevamo fatto questa corsa di correzione per poi pubblicarla. E poi io ho continuato con gli altri due su questa linea.

E il discorso di come si fa in Italia è un po' complicato, non credo che sia molto diverso da voi [no Brasil]. Allora le grosse case editrici non pubblicano il nuovo, fondamentalmente. Quando è venuta a carloforte, che viene periodicamente una, mi pare che sia una Feltrinelli per una casa editrice importante. Lei aveva acquistato 10, 20 copie per gli amici e che le era piaciuto molto il libro, aveva detto "Noi non possiamo pubblicarlo perché la linea editoriale è completamente diversa da questo, cioè gli autori nuovi, che sono rischiosi non li pubblichiamo", per cui si pubblicano autori conosciuti, si pubblicano attori o cantanti o comici che sono famosi in TV, ma non si pubblicano gli autori nuovi. Allora gli autori nuovi cosa fanno? Vanno a cercarsi piccole case editrici e ce ne sono alcune che magari sono serie, la maggior parte non sono così. Cioè tu vai, e un mio amico l'ha fatto, ma tante persone l'hanno fatto, e finisce sempre in questo modo e ti dicono "sì, glielo pubblichiamo, lei deve acquistare 2000 copie, 3000 copie e noi facciamo tot copie e facciamo le stampe e poi facciamo la pubblicità e la distribuzione del libro", cosa che non succede. Quindi la distribuzione del libro non viene fatta. La casa editrice piccola gli basta il guadagno delle copie che hai comprato tu, loro ci guadagnano, bene, e tu ti ritrovi con una spesa di 3000 copie, con libri che devi organizzare tu la vendita ed è una ricorrente fregatura per chi non ha, non ha una conoscenza di mercato o quel colpo clamoroso di fortuna in cui uno legge e dice "Oh, caspita", no? Adesso con il web, insomma, molti scrivono così, cioè anche io che mi metto a scrivere le poesie su Facebook è un modo come un'altro per darle no? Per distribuire, non ci guadagno niente. Cioè c'è chi ci guadagna. Chi sa farlo, io sono un primitivo, quindi non so fare

nulla da questo punto di vista, di gestirmi le cose. Vedi che non sapevo come fare per avere l'audio, figurare... Però la distribuzione della letteratura di tanto adesso passa anche attraverso questa strada e molti la stanno utilizzando. La musica, in maniera particolare, no? Funziona così, le case editrici in Italia funzionano così, cioè, non funzionano.⁴

A partir do relato de Maurandi fica evidente que um autor desconhecido tem poucas chances de se tornar um escritor profissional pelos meios tradicionais, afinal, “o mecenato está comumente mais interessado na ideologia da literatura do que em sua poética” (Lefevere, 2007, p.34), as mensagens, valores e significados que uma obra transmite se sobrepõe às características estilísticas ou poéticas que ela apresenta.

A poética de Maurandi se enquadra como periférica, pois a Sardenha e toda a cultura que diz respeito a essa região é periférica em relação à Itália. Seja pela geografia que mantém a região e a cultura de certa forma isoladas, seja pela pouca

⁴ “Por ser tratar de uma conversa, a entrevista apresenta uma linguagem não monitorada, coloquial e, portanto, com muitas passagens em desacordo com a norma padrão italiana. Por esse motivo, a tradução em português também apresenta registro similar: Te sente livre para fazer o que quiser. Isso sim! Porque então tu mesmo constrói o livro inteiro. Tu cria a capa, até mesmo o layout, a fonte, o que quer que seja, tu mesmo faz tudo. Não tem o trabalho de um editor, de alguém que possa aconselhá-lo: 'aqui tu escreveu algo estúpido, aqui talvez seja melhor fazer...'. Não? Aquilo que os escritores famosos têm, eles têm seus colaboradores ou até mesmo aqueles que colaboram para escrever um livro com alguém que depois escreve o próprio nome. Mas há uma grande liberdade. Tu não tem um grande mercado, é claro que não pode vender muito. Foi aleatório, eu me lembro quando terminei, se tu te lembra, Patricia, *La partita*? Aí tu me disse: 'Tem um concurso, vamos publicá-lo, assim tu participa do concurso do site', que é o site da Repubblica, e isso é muito importante, então fizemos essa correção e publicamos. E depois continuei com os outros dois nessa linha. E a questão de como isso é feito na Itália é um pouco complicada, não acho que seja muito diferente de vocês [no Brasil]. Então, as grandes editoras não publicam o novo, basicamente. Aquela senhora que veio para Carloforte, e que vem periodicamente, parece que era uma representante da Feltrinelli, uma editora importante. Ela tinha comprado 10, 20 exemplares para amigos, ela gostou muito do livro, e disse: 'Não podemos publicar porque a linha editorial é completamente diferente desta, ou seja, novos autores, que são arriscados, não publicamos', então se publicam autores conhecidos, publicam atores ou cantores ou comediantes que são famosos na TV, mas não publicam novos autores. Então, o que os novos autores fazem? Eles procuram pequenas editoras, e há algumas que podem ser sérias, mas a maioria não é. Quer dizer, tu vai, e um amigo meu fez isso, mas muitas pessoas fizeram, e sempre acaba assim: eles dizem 'sim, nós publicamos, tu tem que comprar 2.000 ou 3.000 exemplares e nós fazemos a impressão e depois fazemos a publicidade e a distribuição do livro', o que não acontece. Portanto, a distribuição do livro não é feita. A pequena editora fica apenas com o lucro dos exemplares que tu comprou, ela ganha dinheiro, tudo bem, e tu acaba com 3.000 exemplares, com livros que tu tem que organizar a venda e é uma roubada recorrente para aqueles que não têm conhecimento de mercado ou aquele golpe de sorte retumbante em que a pessoa lê e diz “Uau, nossa”, certo? Agora, com a Web, muitas pessoas escrevem dessa forma, eu mesmo estou escrevendo poemas no Facebook. É uma maneira tão boa quanto qualquer outra de distribuí-los, certo? Para distribuir, eu não ganho nada com isso. Quero dizer, algumas pessoas ganham dinheiro com isso, quem sabe como fazer. Eu sou um primitivo, então não sei fazer nada desse ponto de vista, gerenciar as coisas. Mas a distribuição de literatura hoje em dia também passa por esse caminho e muitos estão usando isso. A música, em particular, não? É assim que funciona, é assim que as editoras na Itália funcionam, quer dizer, não funcionam” (tradução minha).

expressividade político econômica da região sarda, seus escritores⁵ tendem a ser periféricos. Retomando Venuti (2019), a escolha da Sardegna como cenário permite que um autor abrace e amplifique os resíduos culturais específicos da região. Isso envolve a preservação de elementos linguísticos, tradições e histórias locais que são únicos para a Sardegna e que podem ser negligenciados ou subjugados pela cultura dominante italiana.

A escolha da Sardegna como cenário também pode ser vista como uma forma de contraposição ou subversão em relação à hegemonia cultural italiana. Um autor pode usar a Sardegna para desafiar os estereótipos ou imagens dominantes, associados à Itália, e para destacar as complexidades e singularidades da região periférica. O que se alinha à noção de tradução estrangeirizante de Venuti, na qual elementos estrangeiros são preservados para contestar as normas culturais estabelecidas.

Apresentadas as condições nas quais Maurandi publicou, retomo a contextualização de suas obras.

3.3 O cenário sardo de Maurandi

As três cidades sardas mais frequentemente citadas por Maurandi em suas obras são Cagliari, Carbonia e Carloforte. No caso do conto “Buono, bambino”, a história se concentra apenas em Carloforte e o ambiente é fundamental para entender o contexto do personagem Silverio e as poucas oportunidades que o local oferece para uma pessoa com suas características.

Considero pertinente contextualizar o ambiente de Silverio porque conheço Carloforte, caminhei por suas ruas, passei pelo calçadão à beira-mar, sou capaz de visualizar a praça, as esquinas, os locais citados, frequentei as praias da ilha de San Pietro e gostaria de fornecer o máximo possível de informações sobre o local.

Acredito que conhecer o cenário favorece as minhas escolhas tradutórias em alguma medida. Em seguida apresento Carloforte e a cultura local.

⁵ Exemplo dessa periferia cultural é a escritora sarda Grazia Deledda, prêmio Nobel de literatura em 1927, com o romance *Canne al vento* (1913), traduzido como *Junco ou Caniços ao vento*, única escritora italiana a receber um Nobel de literatura e ainda assim não aparecia nos manuais de literatura com o prestígio que merecia e, talvez um dos motivos, ou das desculpas, é porque os críticos tinham dificuldade em colocá-la, historicamente, entre o verismo ou o decadentismo. Quando finalmente foi reconhecida, a colocaram como um caso “isolado”, um caso “por direito próprio” das correntes narrativas do século XX.

3.3.1 *U pàize de Silverio*

Carloforte, ou *U pàize*⁶ como é carinhosamente chamada pelos locais, é uma comuna italiana da região da Sardenha, província da Sardenha do Sul, com cerca de 5.983 habitantes⁷. Ocupa a ilha San Pietro e estende-se por uma área de 50 km², tendo uma densidade populacional de 123 hab/km². Se localiza na costa oeste da ilha e é conhecida por sua história peculiar e influências culturais únicas.

Carloforte foi fundada no século XVIII por colonos da ilha de Tabarka, na Tunísia. Os colonos eram originários de Pegli, uma área próxima a Genova, na Itália, e foram enviados para Tabarka pela República de Genova para estabelecer uma colônia. No entanto, devido a conflitos locais, a colônia de Tabarka foi transferida para a ilha de San Pietro, onde a cidade de Carloforte foi estabelecida em 1738.

A influência genovesa é fortemente perceptível na cultura e na língua local. Os habitantes de Carloforte falam um dialeto específico conhecido como tabarchino, que é uma variante do genovês antigo com influências do espanhol e do catalão. A cultura local é rica em tradições e a pesca e o artesanato são partes fundamentais da identidade da cidade.

A culinária local é uma delícia para os amantes de frutos do mar. Pratos como burrida (um guisado de peixe) e cuscussu (um prato de peixe semelhante ao cuscuz) são destaques da gastronomia local. A cidade também é famosa pelo tonno rosso (atum-rabilho), que é uma iguaria apreciada por todo o Mediterrâneo.

Carloforte possui belas praias e paisagens naturais deslumbrantes, incluindo enseadas de águas cristalinas e formações rochosas impressionantes. A cidade é um destino turístico popular para aqueles que buscam um ambiente tranquilo e charmoso, longe das multidões de outros destinos turísticos mais movimentados da Sardenha.

Uma das celebrações locais mais famosas é a Festa di San Pietro, realizada em 29 de junho, uma celebração religiosa e cultural, quando os pescadores da cidade

⁶ Informações adaptadas a partir dos sites:

REGIONE SARDEGNA. SardegnaTurismo. Cagliari: Regione Autonoma della Sardegna, 2023. Disponível em: <https://www.sardegnaturismo.it/it/luoghi/sud/carloforte>. Acesso em: 15 jul. 2023; UFFICIO DEL TURISMO. Carloforte Turismo. Cagliari: Comune di Carloforte, 2022. Disponível em: <https://www.carloforteturismo.it/articolo/la-lingua-tabarchina/>. Acesso em: 15 jul. 2023. E, COMUNE DI CARLOFORTE. Comune di Carloforte. Carloforte: Comune di Carloforte, 2023. Disponível em: <https://www.carloforteturismo.it/articolo/la-lingua-tabarchina/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

⁷ TUTTITALIA. **tuttitalia.it**. Guida ai Comuni, alle Province ed alle Regioni d'Italia. San Giuliano Terme (PI): G.WIND S.R.L., 2023. Disponível em: https://www.tuttitalia.it/sardegna/57-carloforte/statistiche/popolazione-andamento-demografico/#google_vignette. Acesso em: 15 jul. 2023.

levam a estátua de *San Pietro* (o apóstolo) em procissão marítima ao redor da ilha. É um evento animado, com música, dança e festividades que atraem visitantes de toda a Sardenha e de outras partes da Itália

3.3.2 Língua materna de Carloforte

A peculiaridade linguística do tabarchino, embora reconhecida pela lei da Sardenha sobre a valorização do patrimônio linguístico e etnográfico regional (Lei Regional nº 26 de 15 de outubro de 1997), não é, no entanto, protegida pela lei nacional mais recente sobre minorias linguísticas históricas (Lei nº 482 de 15 de dezembro de 1999). Por outro lado, a falta de reconhecimento por parte do Estado não impede que o tabarchino seja sentido pelo povo de Carloforte como uma expressão fundamental de sua própria comunidade e considerado pela maioria como sua língua materna, compartilhada por todos, sem distinção de idade ou classe social. Dados coletados recentemente pela Região Autónoma da Sardenha atribuem 86,7% dos locutores do tabarchino à ilha, com 84% dos jovens entre 15 e 34 anos firmemente ancorados em seu uso.

Em relação ao idioma nacional, nem sempre é fácil marcar os limites do dialeto, especialmente se ele tiver muitos pontos de contato com esse idioma. Frequentemente, nesses casos, o resultado é uma diglossia, na qual o dialeto se apresenta como uma variedade de comunicação diastrática dentro da família ou em círculos homogêneos, enquanto o idioma nacional é usado na comunicação com pessoas de fora da família ou do grupo social ao qual pertence.

Na situação linguística histórica da Itália, é possível reconhecer quatro graus de especialização funcional ligados a comunidades linguísticas progressivamente mais particulares e reduzidas: italiano, que é reconhecido em todos os lugares como a língua padrão ou standard; italiano regional, que caracteriza uma pronúncia específica e acomoda alguns empréstimos lexicais típicos do dialeto; dialeto regional, desprovido de particularismos locais e frequentemente moldado na variedade mais influente da área e dialeto local (Treccani, 2023). E dentro da língua padrão ainda se encontram as diferenças típicas entre a norma culta da língua e a coloquialidade típica da fala.

Embora na minha imaginação a fala de Silverio soe muito mais “tabarchina” que italiana, o conto não foi escrito no dialeto local. É o título do livro que nos recorda

a relação do autor com o dialeto da sua terra, como ele mesmo escreveu na apresentação do livro na plataforma *ILMioLibro.it* (Maurandi, 2013):

“Auatekuntu” non è il nome di un re africano e neppure una formula magica. È il mio dialetto. Si scrive “aua te cuntù” e si traduce “adesso ti racconto”. Ti racconto quattro storie: la breve parabola di un ‘ultimo’; l’assurdo che sconvolge la vita di una persona onesta; l’imprevisto che fa saltare per aria una vita già programmata; il coraggio di una donna in una terra dove lo spazio ed il tempo sono variabili impazzite. Se vuoi ascoltare, aua te cuntù⁸.

A oralidade de Silverio, embora pelo contexto pudesse ser *tabarchina*, é italiano coloquial – esse ponto será mais explorado no próximo capítulo – e não poderia ser diferente, pois Maurandi compreende o dialeto, mas não o fala, nem tampouco escreve em tabarchino. Além do mais, para que o leitor italiano em geral pudesse compreender a obra, a escolha mais natural é o italiano, língua que todo carlofortino conhece e usa para se comunicar em contextos não locais, independente do grau de instrução e do nível de coloquialidade ou norma culta.

Conhecidos o autor, as condições na qual foi publicado o livro e o ambiente de Silverio, no próximo capítulo discorro sobre o conceito de tradução minorizante e as escolhas tradutórias para a língua de chegada do conto “Tá tudo bem, meu filho”.

⁸ “‘Auatekuntu’ não é o nome de um rei africano, nem é uma fórmula mágica, é o meu dialeto. Escreve-se “aua te cuntù” e traduz-se por “agora vou te contar”. Vou te contar quatro histórias: a pequena parábola de um “último”; o absurdo que perturba a vida de uma pessoa honesta; o inesperado que faz explodir uma vida já planeada; a coragem de uma mulher em uma terra onde o espaço e o tempo são enlouquecedores variáveis. Se quiseres ouvir, aua te cuntù” (tradução minha). GIOVANNI MAURANDI. ILMIOLIBRO. Torino: GEDI Digital S.r.l., 2013. Disponível em: <https://ilmiolibro.kataweb.it/libro/narrativa/109010/auatekuntu/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

4 PERCURSO DE TRADUÇÃO: UMA ABORDAGEM MINORIZANTE

*Aquilo que vai contra a tendência dominante
poderá também ser ostensivamente publicado fora
do sistema, ainda que com a intenção mais
ou menos clara de operar dentro do sistema.*

André Lefevere

A teoria de tradução minorizante é frequentemente associada ao teórico da tradução, tradutor e docente estadunidense Lawrence Venuti (1953). O autor é um nome de projeção internacional quando se trata de pensar os elementos culturais ocultos em uma tradução, discutidos na obra *Escândalos da tradução: Por uma ética da diferença* (2019), na qual observa também a relação entre a tradução e as instâncias – corporações, governos, organizações religiosas, editores – que precisam do trabalho do tradutor, mas que eventualmente ainda marginalizam essa função. Para além da discussão da marginalização do tradutor, Venuti aborda a diferença entre literatura maior e menor – que pertencem ou não ao cânone – e introduz o conceito de “resíduo” como parte de sua teoria da tradução.

Venuti argumenta que os textos originais contêm resíduos culturais, ideológicos e linguísticos que muitas vezes são invisíveis em traduções que buscam uma assimilação cultural total. E defende a tradução estrangeirizante, que preserva esses resíduos e torna as diferenças culturais mais visíveis. Isso envolve manter elementos linguísticos e culturais estrangeiros no texto traduzido para desafiar a hegemonia cultural e oferecer uma visão mais autêntica do original.

As ideias de Lawrence Venuti sobre resíduo e as ideias de André Lefevere sobre mecenato (abordadas no capítulo anterior) estão relacionadas no contexto dos estudos de tradução e têm em comum a preocupação com o poder e a manipulação cultural envolvidos no processo de tradução: o mecenato, mencionado por Lefevere, pode ter impacto sobre como os tradutores escolhem abordar a questão do resíduo em suas traduções. Se um mecenas tem interesses específicos ou espera uma certa abordagem cultural, isso poderia influenciar a decisão do tradutor de preservar ou minimizar os resíduos culturais presentes no texto original.

Por exemplo, um mecenas que busca promover uma visão particular da cultura de origem poderia incentivar traduções que minimizem os resíduos e tornem o texto mais assimilável ao público-alvo. Por outro lado, um tradutor que segue a

abordagem de Venuti de preservar os resíduos culturais poderia entrar em conflito com as expectativas dos mecenas.

Na obra já citada *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária* (2007) e em outros trabalhos, Lefevere explorou a ideia de que a tradução não é uma simples transferência de palavras de um idioma para outro, mas um processo de reescrita cultural que reflete as relações de poder e as dinâmicas sociais. Destacou também a importância das práticas de tradução no contexto de influências culturais e políticas, defendendo a necessidade de considerar questões como mecenato, censura, política editorial e enfatizou a importância de reconhecer e valorizar as vozes marginalizadas e minoritárias em projetos de tradução, buscando a diversidade cultural e a inclusão.

As ideias de Lefevere sobre mecenato e as ideias de Venuti sobre resíduo podem se cruzar quando se trata de considerar como as influências culturais e as expectativas dos financiadores afetam a maneira como os tradutores abordam a questão cultural na tradução.

Ao ampliar as vozes e perspectivas marginalizadas, a literatura minorizante pode colaborar com maior diversidade e representatividade na literatura. Além de buscar desconstruir as normas dominantes e abrir espaço para uma gama mais ampla de vozes e experiências literárias. No caso da tradução de “Buono, bambino”, na qual não cumpro as regras da norma culta, minha tradução é minorizante porque, conforme defende Venuti (2019, p. 26):

Certos textos literários aumentam essa heterogeneidade radical [de padrões e discursos genéricos] ao submeter a língua maior a constante variação, forçando-a a tornar-se menor, deslegitimando-a, desterritorializando-a, alienando-a. Para Deleuze e Guattari, tais textos compõem uma literatura menor, cujos “autores são estrangeiros em suas próprias línguas” [...]. Ao liberar o resíduo, uma literatura menor indica onde a língua maior é estrangeira a si mesma.

Sendo assim, apoiar as minhas escolhas tradutórias nessas teorias me parece um caminho natural, pois escolhi traduzir um autor fora do cânone italiano e mesmo pouco conhecido fora do seu círculo social pois, como afirma Lefevere (2007, p. 41):

Se um determinado tipo de instituição, como as academias ou as revistas literárias influentes e os editores reconhecidos de literatura culta, que cada vez mais têm tomado o lugar ocupado pelas academias no passado, tem um papel importante na admissão de novas obras literárias ao cânone, outras instituições, tais como as universidades e os estabelecimentos de ensino, em geral conservam o cânone mais ou menos vivo, basicamente pela seleção de textos para cursos de literatura. Os clássicos a serem ensinados

permanecem aqueles que continuam sendo impressos e, portanto, os clássicos que continuam sendo impressos serão os conhecidos pela maioria das pessoas expostas à educação na maior parte das sociedades contemporâneas.

Para romper com esse círculo, a tradução de escritores anônimos pode ter uma relevância acadêmica significativa, pois, ao traduzir obras de tais escritores, é possível preservar e difundir expressões culturais que, de outra forma, poderiam ser perdidas. Muitas vezes, esses escritores trazem perspectivas únicas e representam experiências e histórias de grupos marginalizados ou menos conhecidos. A tradução permite que essas vozes sejam ouvidas e apreciadas em um contexto mais amplo. Silverio certamente faz parte de um grupo marginalizado e o personagem permaneceria, provavelmente, restrito ao círculo social de seu autor, se não fosse traduzido para o português.

Além do mais, a tradução de escritores anônimos pode contribuir para enriquecer o campo dos estudos literários, ampliando o cânone e trazendo novos textos para análise e discussão, favorecendo maior diversidade de obras e perspectivas a serem exploradas pelos acadêmicos, aumentando as discussões sobre literatura e cultura (Lefevere, 2007). Na esfera pessoal, traduzir um escritor anônimo oferece aos meus estudos acadêmicos a oportunidade de estudar línguas e culturas menos conhecidas. Isso ajuda a expandir o meu conhecimento sobre diferentes tradições literárias e pode fornecer insights valiosos sobre aspectos linguísticos, históricos e culturais dessas comunidades.

Para corroborar a minha escolha, Lefevere sustenta que a tradução de escritores anônimos pode fomentar abordagens interdisciplinares, conectando a literatura a outras áreas do conhecimento, como antropologia, história, sociologia, entre outras. Essa interconexão possibilita uma compreensão mais abrangente e profunda dos contextos culturais e sociais em que essas obras surgiram, além de poder revelar novas perspectivas literárias. Esses escritores favorecem a descoberta de novas formas narrativas, estilos de escrita ou abordagens temáticas que desafiam ou expandem os conceitos estabelecidos de literatura. Isso incentiva a inovação e o enriquecimento do campo literário como um todo.

Em resumo, a tradução de escritores anônimos tem relevância acadêmica ao preservar e difundir expressões culturais, enriquecer os estudos literários, ampliar o

conhecimento linguístico e cultural, promover abordagens interdisciplinares e abrir caminho para novas perspectivas e descobertas literárias.

Outra vantagem dessa escolha por escritores considerados anônimos é a possibilidade de traduzir livremente, sem a necessidade de considerar traduções anteriores ou se pautar pelas escolhas de outros tradutores. Quanto mais famosa for a obra traduzida, menor será a liberdade de se fazer escolhas tradutórias compatíveis com a ideologia do tradutor (como comentado no capítulo anterior) e maior deverá ser a referência devida às traduções realizadas anteriormente e já consagradas pelo cânone.

Também é limitado o acesso ao escritor de uma obra clássica, pois, quanto mais famoso o autor e a obra, mais distantes e inacessíveis se tornam tanto a pessoa quanto a possibilidade de trabalhar o texto livremente. Sem mencionar os escritores já falecidos cujos direitos autorais pertencem a grandes editoras. No caso de autor desconhecido, o caminho é bem menos tortuoso e a possibilidade de diálogo entre autor e tradutor, facilitada.

Este é outro ponto relevante na tradução que realizei: tive acesso ao escritor e pude ouvir seu ponto de vista sobre a sua obra, detalhes sobre os personagens, significados ocultos dentro do texto e também sobre o processo de escrita. Pude discutir alguns detalhes, pedir sua opinião quando as possibilidades de tradução se mostravam ambíguas, esclarecer dúvidas a respeito da língua italiana, conferir se certas passagens retratam uma realidade italiana de modo geral ou se é regional ou ainda uma característica criada especialmente para aquele personagem. Durante a conversa que tivemos, em relação a “Buono, bambino”, Maurandi (2022) me aconselhou:

Il “Buono, bambino” è scritto in un italiano scadente, narrato in prima persona, è un linguaggio povero in modo indicativo. Nella scelta, cerca sempre la parola più semplice, quella che usano le persone che hanno studiato poco o per niente. Immagina Silverio *carlofortino* che parla il portoghese dei bambini di 10 anni, quelli sfortunati, che hai conosciuto quando lavoravi in quell'istituto.⁹

⁹ “Buono, bambino” é escrito em um italiano escasso, narrado na primeira pessoa, é uma linguagem pobre, no modo indicativo. Ao escolher, procure sempre a palavra mais simples, aquela usada por pessoas que estudaram pouco ou nada. Imagine Silverio *carlofortino* falando o português de crianças de 10 anos, as desafortunadas, que tu conheceste quando trabalhou naquele instituto [centro social que atende crianças em situação de risco social].

O conselho que Maurandi me deu vai ao encontro daquilo que o filósofo, crítico literário e teórico francês da tradução Antoine Berman sustenta: a obra deve causar a mesma “impressão” no leitor de chegada que no leitor de origem. No livro *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*, Berman (2013, p. 46) pondera:

[...] a tradução deve oferecer um texto que o autor estrangeiro teria escrito se tivesse escrito na língua da tradução. Ou ainda: a obra deve causar a mesma “impressão” no leitor de chegada que no leitor de origem. Se o autor utilizou palavras muito simples, o tradutor deve também recorrer a palavras muito comuns, para produzir o mesmo “efeito” no leitor. Se Freud, por exemplo, utiliza a palavra “Trieb” — totalmente comum em alemão —, haveria que se encontrar um equivalente tão usual quanto, e não “pulsão”, pouco comum na nossa língua.

A partir dos conselhos de Maurandi, a leitura de Berman, o sistema de mecenato de Lefevere e a minha proposta de sustentar uma tradução minorizante a partir da ótica de Venuti, apresento nas próximas páginas as minhas escolhas tradutórias.

Optei por dividir em seções de acordo com o tipo de problemática que fui encontrando ao longo da tradução e organizei o material mantendo a sequência de comentário seguido de um quadro com o texto na língua de partida em uma coluna e o texto na língua de chegada na coluna ao lado. Abordo tempos verbais, uso de pronomes, expressões e termos inusuais.

4.1 Como cheguei ao título em português para o conto “Buono, Bambino”

Porque não pretendia fazer nenhum tipo de adaptação cultural na tradução, e preferia que o leitor percebesse que o texto não fora escrito em português, procurei manter o máximo possível as características originais do texto. Para tanto, decidira por não traduzir, em hipótese alguma, o título do conto. E por consequência, as palavras da mãe ao filho quando precisava acalmá-lo. E assim o fiz; ao menos no princípio.

O problema é que a mensagem que aquele *Buono, bambino, buono* me transmite não era percebida pelos leitores que não conhecem o italiano. E no fim, toda a preocupação com o sentido original da expressão, com a mensagem que carrega, o tom de carinho, cuidado e incentivo da mãe não eram transmitidos ao leitor de língua portuguesa.

Outro motivo que pesou para que eu percebesse que estava me desviando das minhas intenções foi que, entre os tradutores com quem me aconselhei, nenhum concordava com a minha defesa ferrenha em manter a expressão em italiano. Todos me aconselharam a traduzir, a encontrar um equivalente, a pensar como uma mãe falaria com o seu filho em português, preservando o tom de afeto, cuidado e incentivo daquela mãe.

Eu só conseguia pensar em uma alternativa em português se essa viesse acompanhada de um som: “Shhh, meu bem, não foi nada”. Mas aí outra dúvida surgiu: esse Shhh que eu imagino na minha mente vai ser o mesmo Shhh que as pessoas imaginarão ao ler, ou é uma imagem que deixa espaço para interpretações variadas, inclusive emprestando um tom completamente diferente daquele que o original pretende? Então comecei a dizer a frase para as pessoas e pedir sugestões para o Shhh. Foi assim que o “Tá tudo bem, meu filho, não foi nada” [Buono, bambino, buono, non è successo niente] se consolidou. Foram várias as pessoas que o sugeriram a partir do tom que eu empregava ao meu “Shhh, não foi nada”.

Depois da tradução completada, li o conto em voz alta e fiquei satisfeita com o efeito de “Tá tudo bem, meu filho”, pois ao longo do texto a mãe o repete mais vezes e Margherita também usa a fórmula para acalmar Silverio, porém sem dizer “meu filho”, e também funcionou.

4.2 Escolha dos tempos verbais

Para compreender melhor as escolhas tradutórias no campo verbal, é preciso analisar gramaticalmente as frases do conto “Buono, bambino”. Selecionei aquelas que julgo mais significativas para demonstrar a coloquialidade presente no original e as reescrevi de acordo com a forma verbal que teria representado a norma culta italiana. Acredito que o exercício demonstrará porque julgo que não seria possível escrever de outra forma as mesmas frases em português. Silverio não poderia ter dito frases na norma culta em português que ele não disse em italiano.

O quadro abaixo coloca em paralelo a frase original em língua italiana e a tradução correspondente em língua portuguesa; aqui, no corpo do texto, destaco os verbos a serem analisados: primeiro as escolhas do autor, em seguida a frase de acordo com a norma culta italiana, seguida da explicação em relação às minhas escolhas em português.

O primeiro trecho selecionado já apresenta um tempo verbal que em português corresponderia ao pretérito mais-que-perfeito (*aveva pulito* e *aveva fatto*): “*Mia mamma **aveva pulito** in casa di una signora. [...] Allora, lei mi porta da questa signora che **le doveva pagare** il lavoro e lei dice che **aveva fatto** male le cose, che la casa era sporca, che non **la pagava**”.*

Uma observação importante em relação a esse tempo verbal no italiano: tal conjugação teria sido empregada mesmo em um discurso monitorado, pois representa uma ação no passado, anterior a outra ação passada e os italianos a reproduzem naturalmente na fala cotidiana. O mesmo não acontece em português.

Na oralidade – e mesmo em um discurso monitorado – nenhum brasileiro emprega tal tempo verbal, há muito reservado à literatura. Para emular o modo de falar de Silverio em português, a escolha mais natural é a locução com o verbo “ter” no imperfeito do indicativo mais o particípio do verbo principal.

Na sequência do trecho, Silverio faz uso de pronomes, um acompanhado de um verbo modal conjugado no imperfeito do indicativo mais o infinitivo e outro acompanhado do imperfeito do indicativo: “*le **doveva pagare** / che non **la pagava**”.* Em português os pronomes foram suprimidos e os verbos empregados de duas formas distintas: o primeiro, com a locução do verbo estar mais gerúndio, porém empregados em modo coloquial “**tava devendo**” e, o outro, empregado no imperfeito do indicativo seguido de infinitivo “**ia pagar**”. A discussão relativa aos pronomes terá uma sessão específica mais adiante.

p.	Original	Tradução
9	<p>Mia mamma aveva pulito in casa di una signora. Mia mamma pulisce le case; è il suo lavoro. Le pulisce bene e tutti sono contenti quando le pulisce. Io sono molto orgoglioso di mia mamma.</p> <p>Allora, lei mi porta da questa signora che le doveva pagare il lavoro e lei dice che aveva fatto male le cose, che la casa era sporca, che non la pagava. Mia mamma dice che non era vero, che aveva fatto tutto bene. E lei la spinge e comincia ad urlare che era una disgraziata, una bagascia, che doveva andare via, lei e il suo bambino scemo.</p>	<p>Minha mãe tinha limpado a casa de uma senhora. A mãe limpa casas; é o trabalho dela. Ela limpa bem e todos ficam felizes quando ela limpa. Eu tenho muito orgulho da minha mãe.</p> <p>Então, ela me leva até essa senhora que tava devendo pelo trabalho e a senhora diz que tava mal feito, que a casa tava suja, que não ia pagar. A mãe disse que não era verdade, que ela tinha feito tudo bem feito. E ela empurra a minha mãe e começa a gritar que ela era uma desgraçada, uma vagabunda, que ela tinha que ir embora, ela e o filho retardado dela.</p>

No trecho “Dopo le scuole medie, i professori hanno detto a mia mamma che non **ce la facevo** a fare altre scuole; che **era** meglio se **facevo** qualche corso per imparare un mestiere”, Silverio usa o imperfeito do indicativo tanto na oração principal quanto na subordinada. Para seguir a norma padrão italiana, a frase deveria ter sido formulada com o uso do condizionale composto (futuro do pretérito composto em português) e do congiuntivo trapassato (mais que perfeito do modo subjuntivo), ficando assim: Dopo le scuole medie, i professori hanno detto a mia mamma che non **ce l'avrei fatta** a fare altre scuole; che **sarebbe stato** meglio se **avessi fatto** qualche corso per imparare un mestiere. A escolha pelo imperfeito na língua de partida se justifica em função do uso hipotético do imperfeito indicativo que, na linguagem falada informal, substitui o condizionale composto e o congiuntivo trapassato para expressar uma condição irreal ou uma eventualidade que poderia ter ocorrido no passado: **era** meglio se **venivi** ieri sera (**sarebbe stato** meglio se **fossi venuto** ieri sera) (Stella, 1992 apud Accademia della Crusca, 2002).

O fato de Silverio usar o imperfeito do indicativo italiano nos três verbos presentes permite uma leitura do personagem quanto à sua condição social, acesso à escolaridade e competência linguística. Dessa forma, Silverio só poderia dizer em português um verbo conjugado no pretérito imperfeito – não um verbo conjugado no futuro do pretérito – e um infinitivo no lugar de um pretérito imperfeito do subjuntivo. Tal escolha na língua de chegada se reforça também pela variação de usos entre pretérito imperfeito e futuro do pretérito do indicativo na expressão da hipótese, já que ambos os tempos verbais compartilham a possibilidade de manifestar traços de aspecto inconcluso.

Além disso, o uso do pretérito imperfeito se dá principalmente para descrever ações passadas que ocorreram repetidamente ou que estavam em andamento em um determinado momento no passado. Já o uso do futuro do pretérito expressa hipótese, probabilidade, incerteza, não comprometimento do falante ou, ainda, modéstia ou cerimônia. No entanto, a forma sintética (simples) do futuro do pretérito (por exemplo, “eu falaria”, “você estudaria”) e a forma perifrástica (composta) do futuro do pretérito (por exemplo, “eu teria falado”, “você teria estudado”) podem concorrer ou ser usadas em contextos similares ao imperfeito do indicativo (por exemplo, “eu falava”, “você estudava”).

Essas formas verbais podem ser intercambiáveis em algumas situações. Mas vale ressaltar que a teoria da variação linguística, que visa à análise e sistematização

das variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala, pode favorecer a compreensão da escolha entre esses tempos verbais, como são usados em diferentes contextos sociais e culturais, em diferentes regiões geográficas. Além disso, essas variações podem sofrer influência de fatores sociais, tais como classe social, idade, gênero, região geográfica, nível de escolaridade, entre outros (Sousa, 2019).

p.	Original	Tradução
12	Dopo le scuole medie, i professori hanno detto a mia mamma che non ce la facevo a fare altre scuole; che era meglio se facevo qualche corso per imparare un mestiere	Depois do primeiro grau, os professores disseram à minha mãe que eu não podia continuar estudando; que era melhor eu fazer algum curso para aprender um ofício.

Na frase seguinte: “*Io dico che a me mi **piaceva continuare** la scuola. Alessio ride e dice ‘Beato te che non studi’*”, a situação em italiano se repete. Segundo a norma culta, o verbo deveria ter sido conjugado no *condizionale composto* (futuro do pretérito composto) **mi sarebbe piaciuto** mais o infinitivo passado **aver continuato**. No entanto, em português, coloquialmente não é possível repetir a fórmula da frase anteriormente citada e usar dois verbos no imperfeito indicativo e sim, repetir a fórmula italiana da frase original: imperfeito do indicativo mais infinitivo.

p.	Original	Tradução
13	Io dico che a me mi piaceva continuare la scuola. Alessio ride e dice “Beato te che non studi (...)”.	Digo que queria continuar a estudar. Alessio ri e diz “sorte a tua que não estuda (...)”.

Para o próximo exemplo, encontrei uma situação curiosa em relação à gramática *versus* coloquialidade. Em italiano Silverio usa, como faz de forma consistente, o imperfeito do indicativo: “*Quando sono uscito, ho sentito la padrona del negozio che la rimproverava, perché non voleva che io **andavo** lì*”. Mas nesse caso, se eu tivesse optado por manter em português a fórmula que funcionou em tantas outras passagens: “Quando eu saí, ouvi a dona da loja implicando com ela porque não queria que eu **ia** lá”, ou seja, o imperfeito do indicativo, teria construído uma frase agramatical em português. Embora haja ocorrências desse uso em algumas localidades do Brasil, o uso do **fosse** nos é natural e corriqueiro nesse tipo de construção.

p.	Original	Tradução
17	Quando sono uscito, ho sentito la padrona del negozio che la rimproverava, perché non voleva che io andavo lì;	Quando eu saí, ouvi a dona da loja implicando com ela porque não queria que eu fosse lá;

Por fim, no trecho “A me mi piaceva tanto se giocavo anch’io a pallacanestro!” também não se obedece à norma culta italiana, pois, deveria ter sido escrito com o uso do condizionale e do infinitivo: Mi piacerebbe tanto giocare anch’io a pallacanestro! A escolha por uma expressão, “Eu ficava louco pra jogar basquete também”, parece reproduzir melhor tanto a coloquialidade quanto a presença do imperfeito do indicativo no lugar do imperfeito do subjuntivo em italiano, empregando a mesma escolha para o primeiro verbo e o infinitivo no caso do segundo.

p.	Original	Tradução
18	A me piaceva tanto se giocavo anch’io a pallacanestro!	Eu ficava louco pra jogar basquete também!

Em seguida, analiso o uso, ou melhor, o não uso dos pronomes na coloquialidade da fala em português brasileiro.

4.3 O uso (ou o não uso) dos pronomes diretos e indiretos

O uso dos pronomes diretos e indiretos é muito mais frequente em italiano do que em português. Os verbos italianos necessitam sempre de um complemento direto ou indireto, um verbo sozinho não se sustenta e, na lógica gramatical italiana, a ausência do pronome é considerada um erro e frequentemente provoca a sensação de que a informação está incompleta. O uso dos pronomes é abundante inclusive na oralidade, quando pode se tornar até mesmo pleonástico ou ainda topicalizado, sendo mencionado antes mesmo do complemento que deveria substituir.

Já na língua portuguesa o fenômeno é inverso: ao longo da evolução da língua, os pronomes foram sendo suprimidos; os verbos em português sustentam sozinhos uma frase, podendo muitas vezes, na oralidade, ocupar o lugar do sim e do não em uma resposta simples.

A consequência, na oralidade, é que os pronomes acabam sendo suprimidos. Elaborei algumas frases para evidenciar em exemplos o uso, em italiano, ou a ausência, em português, dos pronomes na oralidade:

- *Maria, é tuo questo quaderno?* - *Sì, è mio.*

- *Maria, é teu esse caderno?* - *É!*

- *Vai alla festa di Mauro?* - *Sì, ci vado.*

- *Vai na festa do Mauro?* - *Vou!*

- *Pietro, hai una macchina per fare il viaggio?* - *Sì, ce l'ho* (ou muitas vezes: *Sì, ce l'ho la macchina*).

- *Pedro, tens um carro para a viagem?* - *Tenho!*

Na tradução do conto “Buono, bambino”, o resultado em português é a supressão da maioria dos pronomes diretos e indiretos – ou a substituição por aqueles do caso reto – abundantes na fala de Silverio. O efeito na tradução: para manter a coloquialidade do personagem, quanto mais pronomes diretos ele diz no texto de partida, menos pronomes oblíquos com a função de objetos diretos e indiretos pode dizer no texto de chegada. E como se vê nos exemplos selecionados abaixo, mais pronomes do caso reto ele usa, no texto de chegada, em substituição aos pronomes diretos do italiano.

Abaixo, um breve quadro comparativo dos pronomes diretos e indiretos em italiano e em português:

Objeto direto e indireto ¹⁰	Português	Italiano
Objeto direto	o, a, os, as	lo, la, li, le
Objeto indireto	lhe, lhes	gli, le, gli
Objeto direto ou indireto	me, te, se, nos, vos	mi, ti, ci, vi

Considerando a abundante presença dos pronomes ao longo do conto, procurei selecionar os exemplos que apresentam variações mais marcantes na

¹⁰ Adaptado de: FERNANDES, Márcia. Objeto direto e indireto. *Toda matéria*. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/objeto-direto-e-indireto/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

comparação com o português e alguns casos nos quais, mesmo em italiano, o pronome seria dispensável, em função do excessivo uso pleonástico de pronomes na fala do personagem, uma característica que se encontra facilmente na oralidade de muitos falantes italianos. Outra característica que considerei relevante para a seleção dos trechos foram os pronomes combinados (explicado com mais detalhes logo a seguir), situação na qual o verbo requer tanto um complemento direto quanto um indireto, fenômeno que também se torna ausente em português, se considerarmos o uso dos pronomes do caso oblíquo.

Para além dos pronomes, o italiano ainda possui partículas que complementam outros tipos de objetos. No caso da partícula “*ci*”, de acordo com o exemplo: “***Ci*** metto tre cucchiaini di zucchero e giro, poi il pane ***lo*** strappo a pezzetti e ***lo*** bagno dentro”, está retomando um objeto indireto citado na frase anterior: “*L’odore che mi piace più di tutti è quello del pane abbrustolito... **col caffelatte***”. Se diz “***Ci*** metto tre cucchiaini di zucchero e giro”, para não repetir o *caffelatte*, visto que não é possível dizer em italiano simplesmente *metto tre cucchiaini di zucchero e giro*, pois faltaria a informação do objeto indireto ou de onde se colocam as três colherinhas de açúcar.

Tal uso da partícula “*ci*” é típico da oralidade, pois “*ci*” se trata na verdade de uma partícula adverbial, um advérbio de lugar, com o valor de estado de lugar, movimento para o lugar: *Questo paesino è delizioso: ci (= qui, in questo luogo) vivo benissimo* [Esta pequena aldeia é encantadora: eu vivo muito bem aqui]; porém, em algumas construções específicas, especialmente típicas da fala, “*ci*” também pode ser usado como pronome pessoal de terceira pessoa do singular e do plural. Nesse caso, tem valor de complemento indireto e pode se referir tanto a pessoas quanto a coisas:

- 1) “*Certo che li conosco: ci (= con loro) vado a scuola assieme* [É claro que eu os conheço: vamos juntos à escola] ou, mais frequente na oralidade do português: É claro que eu conheço eles: a gente vai junto pra escola;
- 2) *Quel pasticcione di Carlo? È meglio non contarci (= su di lui)* [Aquele desastrado do Carlo? É melhor não contar com ele];
- 3) *Vedi questa bici? Ci (= con essa) faccio delle corse!* [Está vendo esta bicicleta? Eu faço corrida com ela!] (Sensini, 1990, p. 190).

Nos exemplos acima, na passagem para o português falado, a partícula “ci” é substituída pelo pronome pessoal do caso reto. Mas retomar o objeto indireto para “açúcar” é desnecessário em português e, na oralidade, se torna ausente. Por isso a tradução omite a partícula “ci”: “O cheiro que eu mais gosto é o do pão torrado... com **café com leite**. Coloco três colherinhas de açúcar e mexo, depois despedaço o pão e mergulho no café com leite”.

Por outro lado, na mesma frase ainda temos o pronome direto “lo” que retoma a palavra *pane*, ainda que tenha sido citada imediatamente antes do primeiro verbo: “*poi il pane lo strappo a pezzetti e lo bagno dentro*”. A frase na ordem direta seria: *poi strappo il pane a pezzetti*, com o complemento depois do verbo; ao inverter em italiano, o pronome aparece naturalmente para acompanhar o verbo, como na sequência da frase: *e lo bagno dentro*. Nesse ponto, em português, senti a necessidade de retomar o *café com leite* – ausente na frase original – pois, se a frase se encerrasse no verbo, ficaria sem sentido em português: “depois despedaço o pão e mergulho”, sem mencionar onde se mergulha o pão se perderia o sentido, por isso, “mergulho no café com leite”.

p.	Original	Tradução
7	Ci metto tre cucchiaini di zucchero e giro, poi il pane lo strappo a pezzetti e lo bagno dentro.	Coloco três colherinhas de açúcar e mexo, depois despedaço o pão e mergulho no café com leite .

No próximo exemplo, Silverio faz uso dos pronomes combinados, um tópico gramatical que costuma deixar os alunos de italiano avançado bastante inseguros. É compreensível, pois em português, tais objetos são omitidos; onde Silverio diz: “*Mi piace il latte, anche se da piccolo mia mamma non **me lo** dava perché mi faceva male alla pancia*”, está dizendo através dos pronomes que a mãe não dava a ele o leite. Considerando a oralidade do personagem, se em português tais pronomes fossem mantidos, pareceria mais um texto da época de Machado de Assis do que uma frase comum da oralidade de uma criança de origem humilde, como é o caso.

À diferença do frequente uso dos pronomes combinados na língua italiana, e também na língua espanhola, a ausência de tais formas em português brasileiro demonstra que alguns fenômenos se perdem, mesmo nas línguas que possuem origem comum. Na *Nova gramática do português contemporâneo*, Celso Cunha (2016, p. 323) afirma: “No Brasil, quase não se usam as combinações *mo, to, lho, no-*

lo, vo-lo, etc. Da língua corrente estão de todo banidas e, mesmo na linguagem literária, só aparecem geralmente em escritores um tanto artificiais”.

É por essa característica do português, ainda mais presente na oralidade, que os pronomes com a função de objetos diretos e indiretos (simples ou combinados) são omitidos na tradução e a frase fica simplesmente: “Eu gosto de leite, mas quando eu era pequeno, a mãe **não me dava** porque fazia mal pra minha barriga”. Em português se faz necessário então a ausência do pronome “o” para a equivalência da oralidade, mas se mantém o pronome pessoal do caso oblíquo “me”. Esse exemplo se repete em vários outros trechos, como se pode ver no quadro abaixo. No texto de partida estão destacados os pronomes diretos e indiretos, enquanto no texto de chegada não há destaque em alguns trechos pois foram omitidos; em outros houve a necessidade de substituí-los por variados tipos de pronomes (demonstrativos, pessoais do caso oblíquo e reto, indefinidos) ou mesmo pela repetição do substantivo em função de objeto direto.

p.	Original	Tradução
7	Mi piace il latte, anche se da piccolo mia mamma non me lo dava perché mi faceva male alla pancia. Mi piace anche la carne impanata e frita e la pastasciutta con tanto formaggio, gli spaghetti; li metto in bocca ad uno ad uno, aspiro e lo spaghetti scivola dentro e io rido. Mia mamma dice che non lo devo fare, che sono grande per questi giochetti a tavola.	Eu gosto de leite, mas quando eu era pequeno, a mãe não me dava porque fazia mal pra minha barriga. Também gosto de bife à milanesa e de macarrão com molho e bastante queijo. Quando é espaguete, coloco na boca um por um, puxo e mando o espaguete pra dentro e dou risada. A mãe diz que não devo fazer isso , que sou grande pra essas brincadeiras na mesa.
7	Io mi sentivo come uno che gli fanno le domande e lui non le sa e tutti ridono.	Eu me sentia como alguém pra quem se faz perguntas e a pessoa não sabe e todo mundo ri.
9	Le medicine me le ha date una dottoressa bionda con la faccia buona. Ha detto che le dovevo prendere per non diventare nervoso...	Quem me deu os remédios foi uma médica loira de rosto bondoso. Ela disse que eu tinha que tomar pra não ficar nervoso...
12	Il giorno più bello è stato quando mia mamma mi ha dato le chiavi di casa. Me le ha messe nella mia mano grande e mi ha detto “Non perder le .”	O melhor dia foi quando a mãe me deu as chaves de casa. Ela colocou as chaves na minha mão grande e disse: “Não perca”.
14	“Ma smettila.” Si volta e io gli metto una mano sulla spalla. Lo faccio girare. [...] Lo spingo e lo tengono i suoi amici, perché se no va per terra.	“Para com isso .” Ele se vira e eu coloco a mão no ombro dele. Faço ele se virar. (...) Eu empurro ele e os amigos dele que seguram, senão ele vai pro chão.

Outro ponto que merece maior atenção é o uso dos possessivos, principalmente pela distinção da coloquialidade entre italiano *versus* português.

4.4 Pronomes possessivos

Na oralidade italiana se repete constantemente o possessivo, enquanto na oralidade do português, em especial no sul do Brasil, o possessivo é frequentemente suprimido. Ainda mais quando estamos falando da mãe ou do pai, pois o interlocutor entende que se trata da mãe do orador. Percebo essa característica na minha própria fala, bem como na fala das pessoas com quem convivo e também, em momentos distintos, as provoquei com a pergunta “Tu dizes a minha mãe ou simplesmente a mãe?” e a maioria suprime, com frequência, o possessivo. Para além da simples presença do possessivo, em italiano existe uma regra gramatical que afirma que diante de um possessivo sempre há a presença do artigo determinativo, à exceção de nomes de parentesco empregados no singular; porém, se o nome de parentesco sofrer qualquer tipo de alteração, o artigo se faz presente. O fato de o autor ignorar essa regra diante da palavra “mamma” (afetivo de *madre*) e não seguir a gramática, reforça a oralidade do personagem narrador. No caso do português, a marca de oralidade é a omissão do possessivo e a presença do artigo determinativo. Em alguns casos o possessivo foi mantido quando o personagem relatava algo que um terceiro havia dito ou feito à sua mãe.

p.	Original	Tradução
7	Mi piace il latte, anche se da piccolo mia mamma non me lo dava perché mi faceva male alla pancia.	Eu gosto de leite, apesar de que, quando eu era pequeno, a mãe não me dava porque fazia mal pra minha barriga.
8	Tante sere veniva a casa con l'aria strana e diceva che io non ero suo figlio e che mia mamma mi aveva fatto con qualcuno per strada.	Muitas noites ele chegava em casa estranho e dizia que eu não era filho dele e que minha mãe tinha me feito com alguém na rua.
11	Qualche volta, finita la scuola, faceva la strada di casa con me e mia mamma (mia mamma veniva sempre a prendermi) e parlava con lei fitto fitto, come una signora grande;	Às vezes, depois da aula, ela voltava pra casa comigo e com minha mãe (a mãe sempre ia me buscar) e conversava sem parar com ela, como uma senhora grande;

11	lo abbassavo la faccia e non rispondevo e mia mamma “Non saluti?” e lei “Non fa niente.”	Eu abaixava a cabeça e não respondia e a mãe “não diz adeus?” e ela “não faz mal.
----	---	--

Um último aspecto que gostaria de abordar nessa fase de comentários específicos sobre os problemas de tradução enfrentados, diz respeito a certas expressões que não se enquadram em um ponto gramatical comum.

4.5 Expressões e termos inusuais

Algumas expressões do conto “Buono, bambino” se mostraram desafiadoras e encontrei certa dificuldade em traduzi-las. Para poder apresentá-las, dediquei uma parte do capítulo a essas expressões.

4.5.1 *Rotto versus quebrado*

Silverio se refere ao próprio problema como algo que não funciona dentro da sua cabeça. Em italiano dizer que se tem *qualcosa di rotto nella testa* é pouco usual, sendo uma frase típica do personagem Silverio, um modo seu de se referir e, talvez se possa dizer, de entender a própria condição. A primeira escolha que me ocorreu em português seria dizer que “tem uma coisa que não funciona na minha cabeça”, porém, na cena final do conto, Silverio usa a mesma expressão para explicar o que houve com Margherita. Nesse caso, se referir à própria cabeça e à situação de Margherita com a expressão “funciona” não me convenceu. Ao considerar que em italiano *qualcosa di rotto* é inusual, me sinto mais confortável para usar uma expressão também inusual em português e por na fala de Silveiro a frase: “O problema é que tenho **uma coisa quebrada na minha cabeça**”. E tanto em relação à sua cabeça, quanto à Margherita *non si può aggiustare / E non la so aggiustare*, se transforma em: “uma coisa que não dá pra **consertar** / E eu não sei como **consertar**”.

A escolha se justifica ainda por mais um detalhe que pude perceber tanto ao ler o conto em italiano com meus alunos, quanto nas ocasiões em que solicitei para algum familiar ou amigo ler a tradução: nem todos compreendem de imediato o que houve com Margherita. Em mais de uma ocasião, tanto na língua de partida, quanto na língua de chegada, me foi perguntado: “mas a Margherita morreu?” Ou, ainda “O

Silverio matou a Margherita?”. Venuti, ao citar Berman (Berman, 1985 *apud* Venuti, 2019, p. 28), defende que “A boa tradução é desmistificadora: manifesta em sua própria língua a estrangeiridade do texto estrangeiro.”

p.	Original	Tradução
7	Il problema è che io ho qualcosa di rotto nella testa , qualcosa che non si può aggiustare; per questo lei mi deve aiutare per tante cose e per questo prendo le medicine.	O problema é que tenho uma coisa quebrada na minha cabeça , uma coisa que não dá pra consertar; é por isso que ela tem que me ajudar em tantas coisas e é por isso que eu tomo remédio.
22	“Mi aiutate?” dico io e mi accorgo che sto piangendo. “Si è rotta. E non la so aggiustare.”	“Vocês me ajudam?” Eu digo e me dou conta que tô chorando. “Ela quebrou. E eu não sei como consertar.”

Observar a mesma reação do leitor em italiano e em português me convence de que a expressão escolhida para a tradução se equivale àquela do original.

4.5.2 *Pipistrello versus Borboleta*

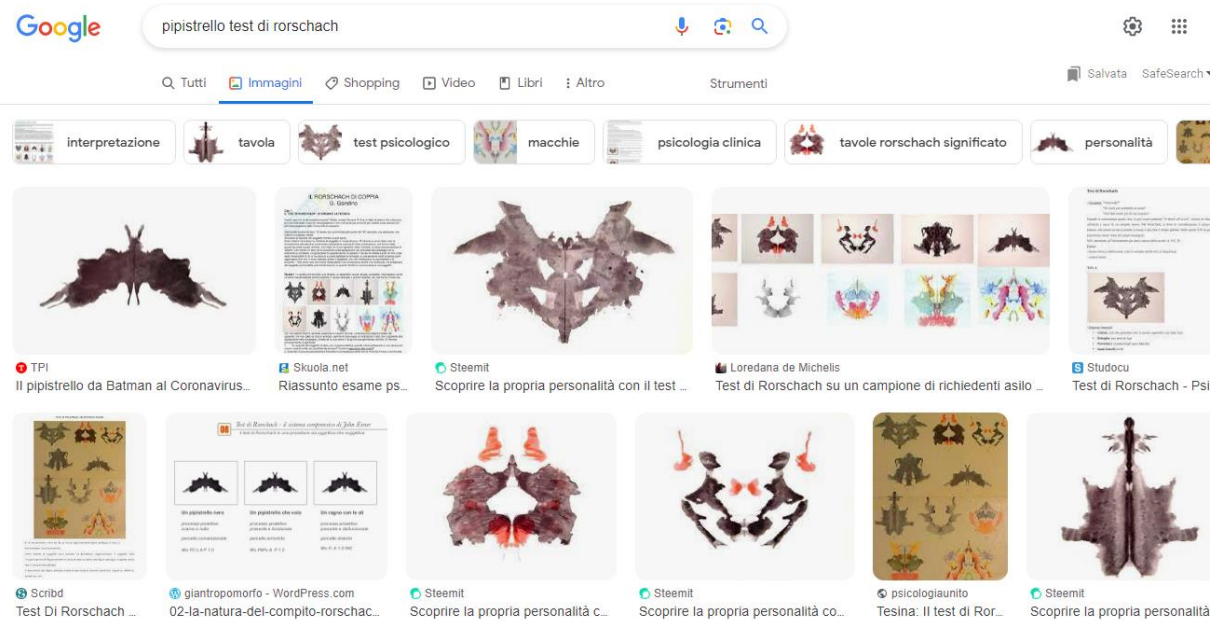
Durante a cena com o médico, Silverio narra que o doutor lhe mostrou várias imagens, perguntando-lhe o que via, e Silverio responde que via um *pipistrello*. Tal cena nos remete ao Teste de Rorschach¹¹.

Além da palavra *pipistrello*, o autor joga com a pronúncia do personagem que, naquele momento da história, não sabia pronunciar tal palavra corretamente. A tradução mais óbvia para *pipistrello* seria morcego em português. Mas eu só pensava em borboleta. Me pareceu prudente verificar se havia uma correlação a partir de resultados de pesquisa no google imagens associada aos termos.

Sendo assim, a pesquisa com os termos *pipistrello + Teste de Rorschach* fornece resultados muito semelhantes àqueles com os termos *borboleta + Teste de Rorschach*, como é possível verificar nas figuras 1 e 2.

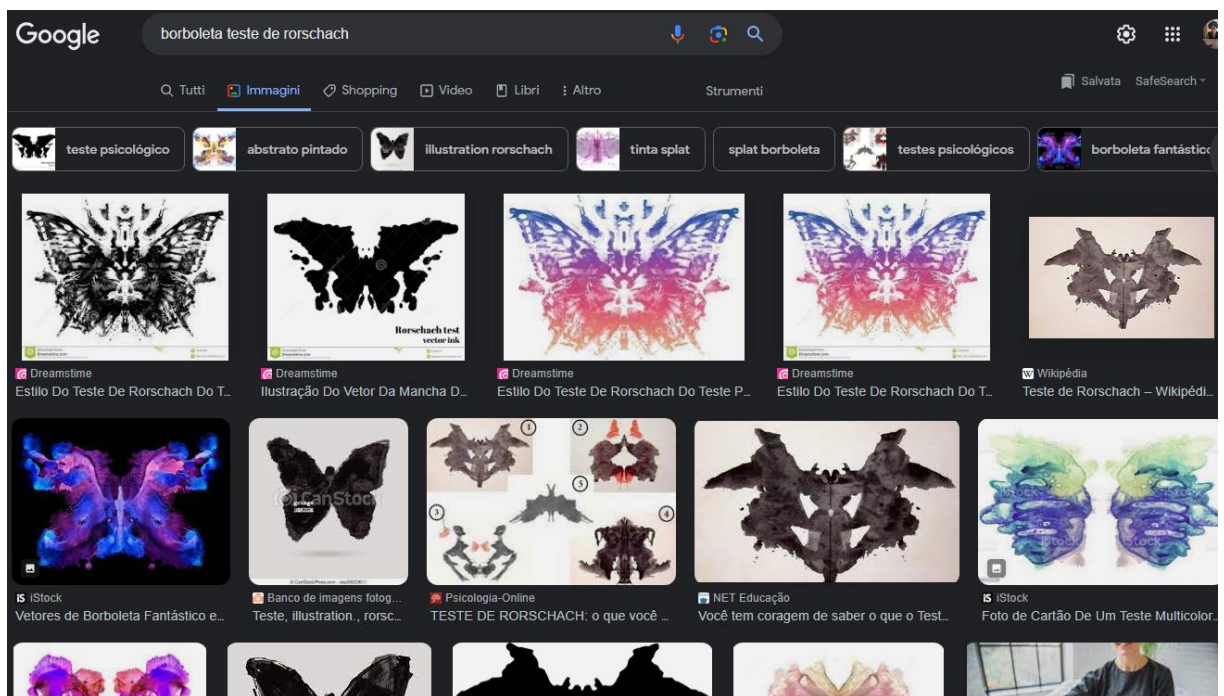
¹¹ O Teste de Rorschach é um dos mais famosos testes psicológicos projetivos no mundo. Os psicólogos usam o Teste de Rorschach para examinar as características da personalidade e o funcionamento emocional do paciente. MIKE DRAYTON. **BBC News Brasil**. A história do polêmico teste psicológico Rorschach. [S.l.]. BBC Brasil.com, 2012. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/07/120725_rorschach_teste_bg. Acesso em: 1 ago. 2023.

Figura 1 – pipistrello + Test de Rorschach



(Fonte: Google imagens)

Figura 2 – borboleta + Teste de Rorschach



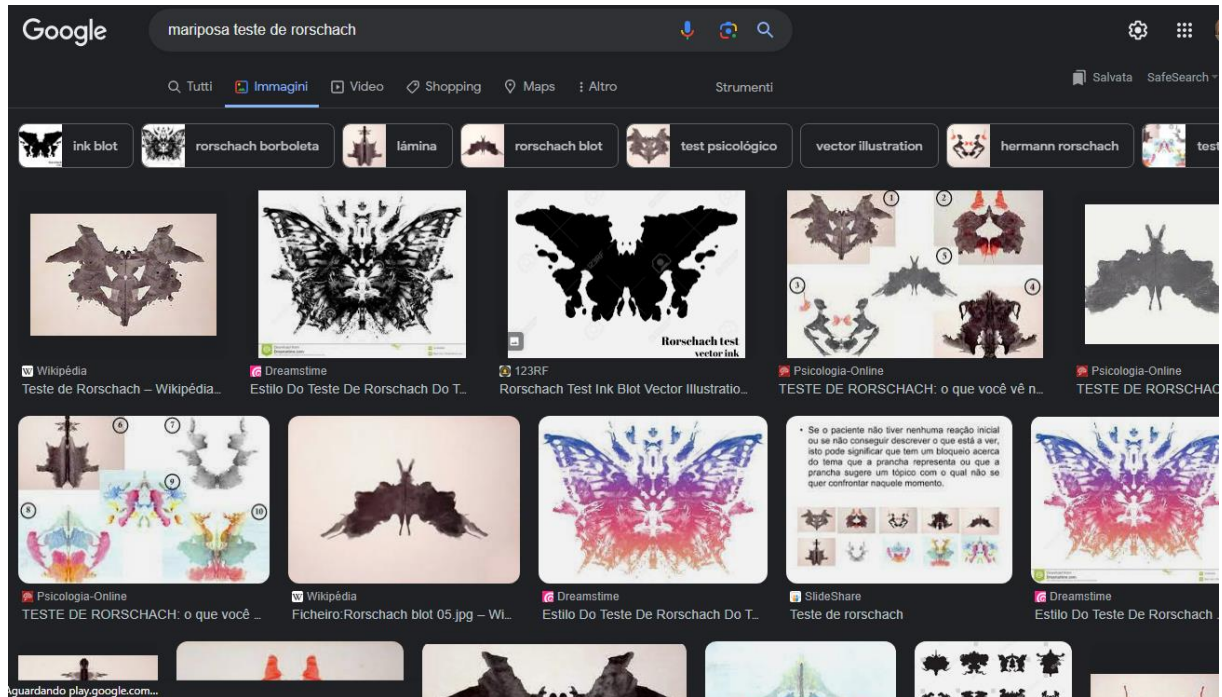
(Fonte: Google imagens)

O mesmo se dá com os termos *mariposa* + *Teste de Rorschach* como se pode verificar na figura 3, pois também considerei a palavra *mariposa* em função das semelhanças de cor entre esta e o morcego, porém, não é um termo recorrente em

português, muito menos na fala de uma criança, pois, não encontrei registros frequentes de equívoco com a pronúncia da palavra mariposa.

Ainda que, por um lado, a mariposa remeta à imagem do morcego, por outro não contemplaria o fato de provocar um estado nervoso em função da dificuldade em pronunciar a palavra.

Figura 3 – mariposa + Teste de Rorschach



(Fonte: Google imagens)

No quadro abaixo, a comparação entre a língua de partida e a de chegada:

p.	Original	Tradução
8	<p>Poi mi ha fatto vedere dei disegni e mi chiedeva “Che cos’è?” ed io “Pipistrello”, anzi “Pillistrello” perché non lo sapevo dire bene allora; poi un altro “E questo?” ed io “Pillistrello” e poi “Pillistrello” e “Pillistrello” e tutti quei pillistrelli mi hanno fatto innervosire e ho fatto volare tutti i disegni e lui c’è rimasto male.</p>	<p>Então ele me fez ver uns desenhos e me perguntava “O que é isso?” E eu “borboleta”, ou melhor, “barboleta” porque eu ainda não sabia dizer direito; depois outro “e isto?” e eu “barboleta” e depois “barboleta” e “barboleta” e todas aquelas barboletas me deixaram nervoso e atirei tudo pra cima e ele ficou chateado.</p>

Considerando que os resultados das imagens apresentam uma diferença mínima nos dois casos, optei pela borboleta para manter a sensação proporcionada

pela pronúncia, pois, em português, a repetição do erro parece mais natural do que com mariposa.

4.5.3 *Non mi vogliono versus ser enxotado*

Em português, a expressão “não me querem”, soa como uma frase elaborada, então para manter a naturalidade de uma narração em primeira pessoa, uma expressão com o verbo “enxotar”, que se usa na oralidade tanto para pessoas quanto para animais, parece ser a equivalência mais adequada.

Para a sequência da frase, a expressão “não por mais os pés lá” consegue manter a naturalidade da coloquialidade, pois uma tradução mais literal, como “decidi que não vou mais lá” soa um pouco formal demais para o personagem e todas as suas características.

p.	Original	Tradução
17	Quando sono uscito, ho sentito la padrona del negozio che la rimproverava, perché non voleva che io andavo lì; ma io non mi sono arrabbiato; ci sono abituato che in certi posti non mi vogliono . Però ho deciso che non vado più perché, se no, rimproverano Margherita.	Quando eu saí, ouvi a dona da loja implicando com ela porque não queria que eu fosse lá; mas não fiquei com raiva; tô acostumado a ser enxotado de alguns lugares . Mas decidi não pôr mais os pés lá porque, senão, vão implicar com a Margherita.

Com essa última expressão encerro a seleção das problemáticas de tradução selecionadas para demonstrar as minhas escolhas de tradução, considerando que meu objetivo foi aquele de manter a coloquialidade do narrador personagem e a simplicidade da linguagem usada pelo autor do texto de partida.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Mas, finalmente, meu objetivo era cultural, e não comercial: criar um trabalho de literatura menor dentro de uma língua maior. E isso, acredito, foi alcançado.

Lawrence Venuti

Para além da relação que tenho com a escrita de Maurandi, esta tradução comentada foi motivada pela minha vontade de experimentar traduzir um texto que desse conta de apresentar ao leitor brasileiro a obra original. Uma tradução sem adaptações culturais, sem amenizações linguísticas, sem aquela sensação de se ler um texto diferente do que foi escrito.

É sabido que nem todos os leitores podem perceber as diferenças entre um texto de partida e o correspondente no texto de chegada ou mesmo saber as diferenças entre os tipos de tradução. Frequentemente, só se tem essa noção quando se estuda a tradução, o processo e as escolhas tradutórias e, ainda assim, é preciso conhecer a língua de partida e a de chegada. Existem infinitas formas de se traduzir um mesmo texto. Talvez seja vaidade, como disse Maurandi a respeito dos tradutores, mas eu desejava realizar a minha tradução de “Buono, bambino”.

Ao iniciar, minhas escolhas eram muito rígidas, muito coladas ao texto original, afinal eu acreditava que estaria domesticando-o se o deixasse natural em português.

Na primeira versão da tradução, Silverio não conseguiu se expressar, tampouco sua mãe, pois eu insistia que ela repetisse “*Buono, bambino. Non è successo niente*”. O que não faz nenhum sentido para um leitor brasileiro sem conhecimento de italiano. E como era para eles que eu traduzia, precisei repensar minha radicalidade.

Descobri cedo que tinha me dado uma tarefa difícil para uma primeira tradução: um texto desapegado das normas gramaticais, um texto selvagem, livre, expressivo e que se recusa a seguir a *consecutio temporum*. Até então eu não sabia, mas é muito mais difícil traduzir fora do esquema gramatical. Transpor para o papel a coloquialidade da fala se mostrou um desafio que em alguns momentos acreditei que não poderia superar.

Mas o próprio Maurandi, quando lhe anunciei que iria começar a tradução, me deu a saída para o labirinto no qual eu tinha entrado. Ele me disse para procurar sempre a palavra mais simples; então fui aos poucos simplificando.

Outro procedimento que colaborou – e acredito que os profissionais quase não possam se valer dessa vantagem – foi tomar distância do texto. Deixá-lo repousar. Esquecer um pouco as escolhas que fizera inicialmente e porque foram tomadas. Quase como se eu permitisse que o próprio texto decidisse as soluções, que essas se apresentassem naturalmente.

Venuti defende que as traduções muitas vezes tornam o texto estrangeiro mais familiar para os leitores, deixando-o mais fácil de entender, mas também fazendo-o perder um pouco da sua autenticidade cultural. Ele chama isso de “domesticação”. Era exatamente o que eu não queria fazer, pois ainda não sabia que era possível encontrar o ponto entre domesticação e estrangeirização, e por isso me parecia um desafio intransponível: ou é domesticado ou é estrangeiro. Porém, Venuti também defende que as traduções mais eficazes, aquelas que capturam melhor os valores culturais do original, geralmente envolvem palavras familiares que são modificadas de alguma forma para se ajustarem ao texto estrangeiro. Isso torna a tradução cativante, pois os leitores se envolvem com essas palavras familiares que agora têm uma nova e intrigante relação com o texto estrangeiro.

Em outras palavras, traduções inevitavelmente realizam um trabalho de domesticação, afinal ajustamos o texto para que um leitor doméstico o compreenda. Foi nesse ponto que percebi que não poderia manter em português o título “Buono, Bambino”. Sem domesticá-lo, não teria sentido para um leitor que não entende italiano.

O que aos poucos consegui entender é que Venuti está na verdade destacando o equilíbrio entre tornar o texto traduzido mais compreensível e ao mesmo tempo preservar a autenticidade cultural do original. Afinal, qualquer tradução produz um resíduo doméstico ao acrescentar efeitos que funcionam somente na língua e literatura domésticas.

Foi a partir dessa compreensão que consegui chegar ao título em português capaz de transmitir ao leitor brasileiro a mesma emoção que a mãe de Silverio evoca em italiano: a preocupação, o cuidado e o tom com o qual ela procura tranquilizá-lo, convencê-lo de que nada aconteceu e está tudo bem.

Ter adotado o conceito de resíduo de Venuti me ajudou a ter uma abordagem que preservasse as características culturais e linguísticas de Maurandi na minha tradução. Ainda que aos poucos, o texto foi se tornando cada vez mais natural para o leitor brasileiro, pois na primeira versão havia mantido muitas inversões típicas da

coloquialidade do italiano, mas que soam pouco naturais na oralidade do português. Não era esse tipo de resíduo que eu deveria preservar. Quando ajustei tais inversões, parecia que Silverio estava conversando comigo em português tal qual eu percebia que *ele fazia* em italiano.

É preciso também destacar que nem todas as modificações da primeira versão, até o ponto no qual considerei a tradução pronta, foram percebidas apenas por mim. Eu pedi que alunos, colegas, familiares e amigos lessem o conto. Os retornos que recebi foram fundamentais para que eu percebesse onde era necessário imprimir as mudanças para que Silverio falasse em português. O estranhamento dos meus leitores foi a chave para decidir quais estranhamentos deveriam permanecer e quais deveriam sofrer ajustes. Reconheço que esse é um privilégio do qual poucos profissionais da tradução podem usufruir. No futuro, ao traduzir textos com o escopo profissional, certamente vou recordar as recomendações dos meus dedicados leitores.

Outro ponto importante a ser destacado reside no fato de que abordar a tradução do conto "Buono, Bambino" a partir do estudo das teorias de Lefevere e Venuti favoreceu o meu desenvolvimento como tradutora, pois colaborou para que eu pudesse me sentir mais segura em relação às minhas escolhas e encontrasse o equilíbrio para o resultado.

Também considero significativo neste trabalho o fato de que uma tradução minorizante contribui para a ampliação do alcance do autor Giovanni Maurandi, pouco conhecido na Itália e absolutamente anônimo no Brasil. Ao traduzi-lo, de certa forma, desafio as barreiras linguísticas e culturais, ao mesmo tempo em que apresento essa tradução como ferramenta de promoção e disseminação da literatura italiana em língua portuguesa para além das obras já famosas e consagradas.

Concluída essa etapa e superada a primeira dificuldade, cresce a vontade de completar o livro *Auatekuntu – Adesso ti racconto*. Depois de "Buono, bambino", traduzido por mim e "Gaspere Puddu", traduzido por Giacomelli, restam mais dois contos para completar a tradução da obra. E nós duas concordamos que a tradução precisa ser *portata a termine*. Quem sabe publicar *Auaetekuntu* em português. E, pensando mais a longo prazo e de maneira mais ousada, por que não traduzir os outros dois livros de Maurandi?

REFERÊNCIAS

BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo**. Tradução: Marie-Hélène C. Torres; Mauri Furlan; Andreia Guerini. 2. ed. Florianópolis: Copiart, 2013. Título original: La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain. ISBN: 978-85-99554-76-0.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2016. ISBN: 978-85-8300-031-0 (recurso eletrônico).

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**: Livro vira-vira 2/ Umberto eco. Tradução: Eliana Aguiar; Revisão técnica de Rafaella De Filippis Quental. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011. (Saraiva Vira-Vira). Título original: Dire quasi la stessa cosa. ISBN: 978-85-7799-362-8.

_____. **Dire quasi la stessa cosa**: Esperienze di traduzione. Prima edizione digitale ed. Milano: RCS Libri S.p.A., 2012. (edizione Tascabili Bompiani novembre 2010). eISBN: 978-88-58-73955-6.

FERNANDES, Márcia. Objeto direto e indireto. **Toda matéria**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/objeto-direto-e-indireto/>. Acesso em: 26 jun. 2023

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 80.

LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Tradução: Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007. (Coleção Signum). Título original: Translation, rewriting and the manipulation of literary fame. ISBN: 978-85-7460-318-6.

MAURANDI, Giovanni. Buono, Bambino. In: (Aut.). **AUATEKUNTU**: Buono, Bambino. 1. ed. Cagliari: IIMioLibro.it, 2014. cap. 1. p. 7-22, ISBN: 9788891076045.

_____. Entrevista com o autor de Auatekuntu: conversa sobre escrita e tradução [vídeo pessoal]. Entrevista cedida a Beatriz Giacomelli Kalife e Patricia Lima da Silva por videoconferência na plataforma Google Meet, Porto Alegre, jul. 2023.

NERGAARD, Siri (org.). **Teorie contemporanee della traduzione**. 2. ed. Milano: R.C.S. Libri & Grandi Opere., 2002. (Strumenti Bompiani). ISBN: 88-452-2470-8.

SENSINI, Marcello. **La grammatica della lingua italiana**: Guida alla conoscenza e all'uso dell'italiano scritto e parlato. I ed. Milano: Oscar Mondadori, 1990. (Oscar Guide). ISBN: 88-04-32651-4.

SOUSA, Fernanda Cunha. A variação de usos entre pretérito imperfeito e futuro do pretérito do indicativo na expressão da hipótese. **Revista Gatilho**, Juiz de Fora: Faculdade de Letras Programa de Pós-Graduação em Linguística, ano 2007, v. 6, 14

jun. 2019. Semestral. Disponível em:
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/article/view/26920>. Acesso em: 26 jul. 2023.

STELLA, Angelo. **Accademia della Crusca**. La Crusca per Voi (n° 4, aprile 1992). Firenze: Accademia della Crusca, 2002. Lingua Italiana / Consulenza linguistica / Risposte ai quesiti / Periodo ipotetico. Disponível em:
<https://accademiadellacrusca.it/it/consulenza/periodo-ipotetico/66>. Acesso em: 29 jul. 2023.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**: por uma ética da diferença. Tradução: Laureano Pelegrin; Lucinéia Marcelino Villela; Marileide Dias Esqueda; Valéria Biondo; revisão técnica Stella Tagnin. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019. Título original: The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference. ISBN: 978-85-393-0787-6.

TRECCANI. **Enciclopedia Italiana**. Il portale del sapere. Roma: Istituto dell'Enciclopedia Italiana, 2023. dialeto in Enciclopedia on line. Disponível em:
<https://www.treccani.it/enciclopedia/dialetto>. Acesso em: 30 jul. 2023.

ANEXO A – BUONO, BAMBINO

Uno

L'odore che mi piace più di tutti è quello del pane abbrustolito... col caffelatte. Ci metto tre cucchiaini di zucchero e giro, poi il pane lo strappo a pezzetti e lo bagno dentro. Mi piace il latte, anche se da piccolo mia mamma non me lo dava perché mi faceva male alla pancia. Mi piace anche la carne impanata e fritta e la pastasciutta con tanto formaggio, gli spaghetti; li metto in bocca ad uno ad uno, aspiro e lo spaghetti scivola dentro e io rido. Mia mamma dice che non lo devo fare, che sono grande per questi giochetti a tavola.

Mia mamma mi dice sempre tante cose, anche se adesso sono cresciuto e sono molto più alto di lei.

Il problema è che io ho qualcosa di rotto nella testa, qualcosa che non si può aggiustare; per questo lei mi deve aiutare per tante cose e per questo prendo le medicine.

Il dottore, io ero molto piccolo ma me lo ricordo, mi aveva fatto un sacco di domande strane che io non sapevo rispondere a tutto quanto, anche perché lui mi guardava fisso e, anche se mi sorrideva, si vedeva che mi guardava fisso per controllare se ero rotto nella testa. Io mi sentivo come uno che gli fanno le domande e lui non le sa e tutti ridono.

Poi mi ha fatto vedere dei disegni e mi chiedeva "Che cos'è?" ed io "Pipistrello", anzi "Pillistrello" perché non lo sapevo dire bene allora; poi un altro "E questo?" ed io "Pillistrello" e poi "Pillistrello" e "Pillistrello" e tutti quei pillistrelli mi hanno fatto innervosire e ho fatto volare tutti i disegni e lui c'è rimasto male. Mia mamma mi ha preso le mani, me le ha tenute forte e mi ha detto "Buono, bambino, buono. Non è successo niente" e io mi sono calmato.

Poi il dottore ha detto a mia mamma che io avevo un deficit mentale. A me sembrava una bella parola 'deficit' con la 't' alla fine, di quelle parole difficili che fanno importanza, ma mia mamma ha fatto una faccia triste e ho capito subito che non era una bella parola.

Quando io sono andato dal dottore, mio babbo era già andato via.

Me lo ricordo poco mio babbo. Era alto e grosso, come sono diventato io adesso. Aveva i capelli neri e un neo sulla guancia. Faceva le case. Aveva le mani grandi con la pelle spaccata e dura. Non mi sorrideva mai e non mi ha mai fatto una carezza. Le sue mani mi facevano paura perché quando arrivavano sulla mia faccia facevano male.

Tante sere veniva a casa con l'aria strana e diceva che io non ero suo figlio e che mia mamma mi aveva fatto con qualcuno per strada. Lei diceva "Hai bevuto" e lui diceva "Che cazzo te ne frega, puttana, che mi hai dato un figlio scemo?" Io mi nascondevo e lui la picchiava e lei piangeva. Poi lui usciva ed io mi avvicinavo a mia mamma, che tremavo tutto, e lei diceva "Buono, bambino, buono. Non è successo niente."

Poi una sera lui è uscito e non è più ritornato. Io sono stato molto contento, quella sera che non è più ritornato.

Le medicine me le ha date una dottoressa bionda con la faccia buona. Ha detto che le dovevo prendere per non diventare nervoso... perché qualche giorno prima avevo fatto una cosa che non si fa.

Mia mamma aveva pulito in casa di una signora. Mia mamma pulisce le case; è il suo lavoro. Le pulisce bene e tutti sono contenti quando le pulisce. Io sono molto orgoglioso di mia mamma.

Allora, lei mi porta da questa signora che le doveva pagare il lavoro e lei dice che aveva fatto male le cose, che la casa era sporca, che non la pagava. Mia mamma dice che non era vero, che aveva fatto tutto bene. E lei la spinge e comincia ad urlare che era una disgraziata, una bagascia, che doveva andare via, lei e il suo bambino scemo.

Io ho cominciato a tremare, perché le urla mi fanno tremare, e poi ho urlato anch'io e le sono andato addosso e l'ho spinta per terra; poi l'ho presa a calci... poi non mi ricordo.

Con le medicine non tremo più così tanto. Ma se urlano, sì.

Due

A scuola avevo una maestra tutta per me. Stava seduta al banco e mi faceva fare i compiti. Gli altri bambini avevano solo la maestra Luisa. Mi piaceva molto la mia maestra; si chiamava Maria Pina. Però mi piaceva di più Margherita.

Margherita era seduta nel banco davanti e ogni tanto si girava e mi sorrideva. Una volta mi ha regalato una figurina di 'Gatto Silvestro' che, se la muovevi, si muoveva anche Gatto Silvestro. Aveva i boccoli, Margherita, e un fiocco azzurro nei capelli. Qualche volta, finita la scuola, faceva la strada di casa con me e mia mamma (mia mamma veniva sempre a prendermi) e parlava con lei fitto fitto, come una signora grande; poi, quando doveva girare per andare a casa, mi salutava sempre "Ciao Silverio." Io abbassavo la faccia e non rispondevo e mia mamma "Non saluti?" e lei "Non fa niente."

Poi col passare dei mesi ho iniziato a parlare con Margherita e lei tante volte rideva, ma era un riso buono.

Lei era fra le persone che mi piacevano.

Adesso faccio l'elenco delle persone che mi piacevano, quando ero un bambino.

Prima mia mamma; a pari merito, quasi, Margherita e, dopo, maestra Maria Pina. Poi mi piaceva signor Tonio del supermercato e soprattutto signora Maria che, quando andavo a fare la spesa con mia mamma, mi regalava sempre un cioccolatino con la nocciola che a me piaceva molto, con la carta d'argento. Adesso che sono diventato grande non lo fa più, ma sorride sempre e mi saluta e signor Tonio anche. Poi mi piaceva Alessio, perché era forte e sapeva fare un sacco di cose e tutti erano sempre a cercarlo per fare i giochi; ma quando sono cresciuto, Alessio mi è piaciuto di meno perché ogni tanto mi prendeva in giro e rideva, ma non era un riso buono.

Dopo le scuole medie, i professori hanno detto a mia mamma che non ce la facevo a fare altre scuole; che era meglio se facevo qualche corso per imparare un mestiere. Ma io non potevo partire da solo fuori della mia isola per fare il corso, perché qui non ce n'erano. Allora non andavo più a scuola e mia mamma mi portava con lei quando lavorava. Io all'inizio non ero capace ma poi ho imparato, piano piano.

Il giorno più bello è stato quando mia mamma mi ha dato le chiavi di casa. Me le ha messe nella mia mano grande e mi ha detto “Non perderle.”

Io mi sono sentito importante, perché adesso potevo andare e venire come gli altri ragazzi. Sono entrato e uscito di casa dieci volte di fila: arrivavo in strada, chiudevo il portone, poi lo riaprivo con la chiave e risalivo in casa. Mia mamma rideva.

Una sera io dico “Mamma esco” come fanno i grandi. “Si cena alle nove” dice lei; “non fare tardi.”

Io esco e vado in piazza. Ho il mio giubbotto nuovo e cammino verso la statua che c’è sul Lungomare.

“Che bel giubbotto” mi dice Alessio quando mi vede. E’ vicino alla statua e parla con altri ragazzi; li conosco tutti. Faccio come faccio sempre, sto lì e ascolto gli altri che parlano; io non ho molte cose da dire.

Parlano di calcio, poi di donne, poi di cellulari nuovi; anche di macchine. Sono tutti all’Istituto Nautico; parlano di scuola e dell’esame di diploma, anche. Io dico che a me mi piaceva continuare la scuola. Alessio ride e dice “Beato te che non studi. Hai più tempo per le ragazze.” Gli altri ridono e, secondo me, mi stanno prendendo in giro, ma non m’importa.

Io non le cerco le ragazze; lo so che non sono interessante per loro. Poi una volta ho preso il fogliettino delle medicine che prendo per il nervoso e ho letto “provoca riduzione della libido”; allora sono andato, di nascosto da mia mamma perché avevo capito che era una cosa sconcia, a guardare il vocabolario e l’ho trovato cosa voleva dire. Allora ho capito perché non cerco troppo le ragazze.

Mentre loro ridono, passa Margherita con un ragazzo nuovo; lei cambia sempre ragazzi.

“Ciao Silverio” dice lei. “Ciao” rispondo e abbasso gli occhi, perché io non cerco le ragazze ma Margherita mi piace sempre tanto.

“Ohh, guarda guarda Silverio che diventa rosso” dice

Alessio a voce alta.

“Allora Margherita ti piace” dice Tonino, dandomi una botta sulla spalla.

Io non dico niente.

Margherita non ha più i boccoli e il fiocco azzurro; adesso ha i capelli lisci e corti, la sigaretta sempre accesa e gli occhi tutti disegnati; ma quando guarda, guarda come faceva da bambina e sorride anche sempre così.

“Margherita piace a tutti” dice Alessio con la faccia di chi sa un sacco di cose; “lasciala perdere, Silverio, che non fa per te.”

“Margherita è mia amica” rispondo io.

“Margherita la dà a tutti, scemo. E' una bagascia” dice lui.

Io lo so cosa vuol dire ‘bagascia’. L’ho imparata quella parola.

“Ritira” dico a voce bassa.

Alessio mi guarda e si vede che non se l’aspettava. “Ritiro che cosa?”

“Quella parola.”

“Ma smettila.” Si volta e io gli metto una mano sulla spalla. Lo faccio girare.

“Ritira” ripeto. Non sto tremando; sono arrabbiato, ma non sto tremando. Non tremo se lui non urla. Ma lui urla.

“Toglimi le mani di dosso, brutto scemo. Margherita si è scopata mezzo paese; come la chiami una così?”

Lo spingo e lo tengono i suoi amici, perché se no va per terra. Poi mi avvicino e vedo che lui ha paura, perché spalanca gli occhi, come quella signora quando ero bambino. Sto tremando adesso, anche molto. Sto per arrivare al punto che dopo non mi ricordo. Poi, dietro, sento “Silverio. Buono.”

Margherita si avvicina e mi prende la mano. “Che cazzo fai?” le dice il ragazzo che è con lei.

“Vaffanculo, tu” gli risponde lei. Mi tiene la mano e mi dice “Adesso andiamo a farci una passeggiata. Ti va?”

Io dico “Si” e mi faccio portare via.

Siamo andati fino alla fine del Lungomare. Ci siamo seduti sui gradini.

“Va meglio adesso?” “Si” rispondo.

S’accende una sigaretta e soffia il fumo lontano. “Perché eri così arrabbiato?”

“Alessio ha detto una cosa brutta; molto brutta.” “Ti ha preso in giro?”

“No. Ha detto una cosa brutta su di te” dico io guardando per terra.

Si fa seria. “Che cosa ha detto?” domanda. “Che sei una bagascia.”

Vedo che sorride e non capisco. “Perché sorridi?”

“Oh, Silverio...”

Mi prende le mani. Ha le mani piccole in confronto alle mie, ma riesce a tenerle così bene, le mie mani, che mi sembra che le sue mani mi prendono in braccio tutto intero, come facevano quelle di mia mamma quando ero piccolo.

“Ha ragione Alessio. Lo sono.”

“Non è vero. Bagascia è una cosa brutta.” “Lo so.”

“Tu non sei una cosa brutta.”

“A volte sì. Siamo tutti un po’ belli e un po’ brutti.” “Tu sei la mia amica” dico io.

“Tu sei il mio amico” dice lei “e il mio difensore.”

Quella sera, nella mia camera, ho preso un foglio ed una matita e ho disegnato Margherita. Ho fatto la faccia, il naso e due cerchi per gli occhi; poi tutti i capelli intorno. Quando ho finito ho guardato il disegno e non le rassomigliava. Però se chiudevo gli occhi, la vedevo.

Tre

Oggi ho fatto diciotto anni ed è stato un giorno speciale. Mia mamma mi ha fatto dormire fino a tardi e mi ha lasciato la colazione pronta e un pacchetto vicino alla tazza; l’ho aperto e dentro c’era un orologio tutto colorato. Me lo sono messo subito. Poi ho mangiato e preso le medicine; poi ho lavato tutto, senza rompere niente. Poi mi sono lavato bene, anche le orecchie. Mi sono anche profumato, ma ho esagerato un po’ col profumo, perché si sentiva in tutta la casa.

Poi sono uscito e sono andato al negozio dove lavora Margherita a farle vedere l’orologio. Lei mi ha fatto gli auguri e mi ha dato due baci sulle guance.

Quando sono uscito, ho sentito la padrona del negozio che la rimproverava, perché non voleva che io andavo lì; ma io non mi sono arrabbiato; ci sono abituato che in certi posti non mi vogliono. Però ho deciso che non vado più perché, se no, rimproverano Margherita.

Mia mamma è tornata presto dal lavoro e mi ha preparato un pranzo buonissimo. Mi ha preparato: tortellini al ragù, carne impanata e patate fritte, fragole, torta di cioccolato. Mentre lavava i piatti l’ho abbracciata da dietro. Ho pensato che quando ero piccolo, quando l’abbracciavo da dietro le arrivavo ai fianchi; adesso le

coprivo le spalle e dovevo chinarmi per appoggiare il mento sui suoi capelli. Ho pensato anche che la vita è molto bella... anche se ho qualcosa di rotto nella testa.

All'Istituto Nautico poi ci sono andato, ma non a studiare; a pulire la palestra. Hanno una palestra grande sotto un tendone. C'è il campo di pallacanestro, le gradinate, i bagni, come nelle palestre che si vedono nei telefilm americani.

Adesso si stanno allenando e io pulisco le gradinate con l'aspirapolvere; c'è il rumore dell'aspirapolvere e il rumore del pallone che sbatte. "Clang" fa e poi entra dentro la rete del canestro e poi "bum bum" per terra. A me piaceva tanto se giocavo anch'io a pallacanestro!

Alessio gioca anche lui. Poi mi si avvicina e dice che gli dispiace per l'altra sera. Io dico che dispiace a me che l'ho spinto. Lui mi dà la mano e io la stringo. E' bello essere amici.

Quando finiscono vanno a farsi la doccia. Anche io ho finito le gradinate e passato lo straccio sul campo; sono tutto sudato.

"Vieni a farti la doccia con noi" mi dice Tonino, quello che ha detto "allora Margherita ti piace."

Sotto la doccia stiamo ridendo tutti e Alessio mi prende in giro e dice "Oh oh oh guarda Silverio che culo tondo che ha..."

Io rido e poi mi giro.

"Ehi" dice un altro, "ma dove lo nascondi quel coso?"

Io non capisco e lui mi indica il pisello. Io lo copro con le mani.

Alessio si fa serio e si avvicina mentre mi asciugo. "Hai una proboscide, non un pisello" mi dice.

Io non lo so; non ci ho mai fatto caso, ma guardando quello degli altri mi accorgo che è proprio grande. Però non mi sembra tutta questa notizia; io ci faccio la pipì col pisello, come tutti gli altri... credo.

Alessio si siede vicino a me e mi spiega. "Se tu fai vedere questo pisello ad una ragazza, quella fa tutti i gridolini e poi si mette con te." Mi guarda serio e nessuno intorno ride. Non mi stanno prendendo in giro, penso, se no ridevano.

Io dico che mi vergogno ma lui dice che non mi devo vergognare, che tutti i maschi fanno così con le pivele.

Ci penso molto, mentre torno a casa. Questa cosa proprio non la sapevo; meno male che Alessio me l'ha detta.

Ci penso molto anche tutti i giorni dopo.

Mia mamma deve andare da zia, stanotte. Sta male ed è sola. Mi fa tutte le raccomandazioni. “Ti ho preparato la cena. Dopo che hai mangiato, lascia tutto nel lavello, che pulisco io domani mattina. Prendi le medicine, ricordati.”

“A che ora vai?” chiedo io.

“Adesso. Se vuoi farti una passeggiata vai pure ma, anche se non ci sono io, la cena è alle nove; non stare in giro fino a tardi.”

“Guarda che sono grande” le dico.

Lei mi sorride e mi accarezza i capelli. Poi esce.

Guardo il mio orologio colorato e sono quasi le otto. Passo dal negozio. Lo faccio quasi tutte le sere per salutare Margherita quando finisce di lavorare; sto fuori un po’ distante e, quando esce, la saluto e lei mi dice “Ciao”. Anche stasera fa così.

Stasera però mi avvicino e le dico “Devo farti vedere una cosa.”

“Che cosa?” mi domanda; sta sorridendo. “Una cosa importante.”

“E dove ce l’hai, questa cosa?” “Devi venire a casa.”

Guarda il suo orologio. “Va bene” dice, “ma mi posso fermare poco.”

“Solo il tempo di vedere” dico io. “Sono curiosa.”

“Permesso?” dice Margherita entrando. Poi si volta da me. “Tua mamma non c’è?”

“No, è andata da zia che sta male.” Accendo la luce. “Siediti” le dico indicando il divano. Lei si siede, ma è un

po’ indecisa, lo vedo che si morsica il labbro.

“Torno subito” dico io e vado in camera. Penso che ho un po’ di vergogna, ma Alessio mi ha spiegato bene. Tiro giù la cerniera e ritorno da lei.

“Ecco” dico.

Margherita mi guarda e si mette in piedi. Io sono davanti alla porta d’ingresso e lei va indietro, verso la cucina; ha la bocca aperta e gli occhi spalancati. Adesso fa i gridolini, penso io; invece dice “Metti dentro quell’affare.”

Io la guardo meravigliato; non doveva andare così. Mi avvicino; il mio affare rimane fuori. Lei alza la voce “Metti dentro quell’affare!”

Alessio mi ha preso in giro; Tonino mi ha preso in giro.

Mi hanno imbrogliato. Cominciò a tremare, ma poco.

“Vattene, brutto porco.” Lei non deve urlare, perché se urla, io poi non mi ricordo. Non deve urlare.

Poi sono addosso a lei e le metto la mano sulla bocca, perché deve smettere ed io sto già tremando molto adesso; lei mi morsica la mano ed io stringo sulla bocca, stringo perché non deve urlare; se non urla glielo spiego che Alessio mi ha preso in giro, se non urla poi ridiamo, ma adesso devo stringere perché così smette...

Poi non mi ricordo.

Sono seduto sul divano.

Margherita è stesa accanto a me. Ho appoggiato la sua testa sulle mie ginocchia.

Ho messo dentro l'affare, ma lei non mi parla lo stesso. Le sedie sono rovesciate e c'è un vetro rotto in cucina. C'è sangue ma è il mio. La mano mi brucia ed è tutta rossa, ma Margherita non ha un graffio. Però non mi parla. Ha la bocca e gli occhi mezzo aperti, ma sono occhi che non mi vedono. L'ho chiamata per tanto tempo e non mi risponde.

Penso che ho bisogno di aiuto, ma non posso andare a cercare gente; non posso lasciarla sola.

Poi sento una sirena e poi passi nelle scale. Suona il campanello. Io poso la testa di Margherita sul divano e apro. Ci sono i carabinieri. Uno entra e va da Margherita; l'altro rimane fermo sulla porta; è pallido.

Mi aiutate?” dico io e mi accorgo che sto piangendo. “Si è rotta. E non la so aggiustare.”

ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DE USO DA OBRA

E-mail de autorização por parte do autor para o uso da sua obra.¹²

18/08/2023, 16:54

Gmail - Autorizzazione



Patricia Lima <patricialimarp@gmail.com>

Autorizzazione

1 mensagem

giovanni maurandi <giovannimaurandi@gmail.com>
Para: Patricia Lima <patricialimarp@gmail.com>

18 de agosto de 2023 às 14:07

Autorizzo Patricia Lima da Silva e Beatriz Giacomelli Kalife ad utilizzare i racconti "Buono bambino" e "Gaspare Puddu" da me scritti e pubblicati nel libro "AUATEKUNTU".

Giovanni Maurandi

¹² "Autorizo Patricia Lima da Silva e Beatriz Giacomelli Kalife a utilizar os contos "Buono, bambino" e "Gaspare Puddu" escritos por mim e publicados no livro 'Auetekuntu'" (tradução minha).